



Filipa Raquel de Jesus Duarte

Jornalismo Televisivo em Tempos de Crise

- Reflexões e observações a partir do estágio realizado na TVI –

Relatório de Estágio de Mestrado em Comunicação e Jornalismo, na área Científica de Ciências da Comunicação, orientado pelo Professor Doutor Carlos Camponez, apresentado ao Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

2013



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

Jornalismo Televisivo em Tempos de Crise

- Reflexões e observações a partir do estágio realizado na TVI –

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio de Mestrado
Título	Jornalismo Televisivo em Tempos de Crise – Reflexões e observações a partir do estágio realizado na TVI
Autor	Filipa Raquel de Jesus Duarte
Orientador	José Carlos Costa dos Santos Camponez
Júri	Presidente: Isabel Maria Guerreiro Nobre Vargues Vogais: 1. José Carlos Costa dos Santos Camponez 2. Maria Clara Moreira Taborda de Almeida Santos
Identificação do Curso	2º Ciclo em Comunicação e Jornalismo
Área científica	Ciências da Comunicação
Data da defesa	15-10-2013
Classificação	13 valores



Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que me ajudaram a chegar até aqui, familiares e amigos, que mesmo não sendo mencionados foram e são igualmente especiais.

Aos meus pais por todos os impagáveis sacrifícios que me trouxeram até aqui;

Ao Maurício Oliveira por todo o carinho, força e, sobretudo, paciência;

À tia Aldina Duarte pela amizade, pelo lar e preciosa ajuda durante o estágio;

E ao Professor Doutor Carlos Camponez pela orientação.

Jornalismo Televisivo em Tempos de Crise

Resumo: O presente Relatório surge do conhecimento e experiência adquiridos durante os quatro meses em que desempenhei a função de estagiária dentro de uma estação televisiva, a TVI, nas editorias de sociedade e de *online* da redação de informação.

Já numa fase de reflexão sobre o tema Jornalismo Televisivo em Tempos de Crise, o trabalho remete para a reportagem, para o que é noticiável e para a questão da internet se ter tornado numa ferramenta indispensável. São tratados assuntos relacionados com as fragilidades do jornalismo televisivo apontando para as audiências, a qualidade noticiosa, o interesse público e a informação sensacionalista. A emergência do ciberjornalismo é tratada como um importante marco histórico do jornalismo e veio concorrer com a informação feita em televisão, que consequentemente suscitou o aparecimento do jornalismo televisivo nas plataformas *online*.

Palavras-chave: jornalismo televisivo; ciberjornalismo; TVI; reportagem; notícias; internet; audiências; sensacionalismo.

Television Journalism in Times of Crisis

Abstract: This report comes from the knowledge and experience acquired during the four months that I played the role of an intern in the television station TVI, as part of the editorial office staff of society and online.

Already in a phase of reflection on the theme Television Journalism in Times of Crisis, the work refers to the report, for what is newsworthy and also for the issue that internet have become an indispensable tool. Are dealt issues related to the weaknesses

of television journalism pointing to the audiences, news quality, public interest, and information sensationalism. The emergence of online journalism is treated as an important landmark of journalism which came to compete with the information made in television, which consequently led to the arrival of television journalism in online platforms.

Keywords: television journalism, online journalism; TVI; report; news; internet; hearings; sensationalism.

Índice

Introdução.....	6
1. Estágio na TVI.....	8
1.1. A TVI.....	8
1.2. A chegada à redação	10
1.3. A integração do estagiário no meio laboral	12
1.4. Algumas funções discutíveis do estagiário	14
1.5. A saída à rua dos estagiários – As reportagens.....	16
1.6. As inibições do trabalho do jornalista estagiário	27
1.6.1. O estagiário não assina peças.....	28
1.6.2. O estagiário não entra na Assembleia da República.....	30
1.7. A passagem pela secção de <i>online</i>	31
1.8. O fim do estágio e os conhecimentos adquiridos	35
1.9. Síntese.....	36
2. Jornalismo Televisivo em Tempos de Crise.....	37
2.1. O jornalismo televisivo	37
2.1.1. A reportagem	38
2.1.2. O que é noticiável	43
2.1.3. A internet no jornalismo televisivo.....	46
2.2. As fragilidades do jornalismo televisivo atual.....	47
2.2.1. As audiências, a qualidade e o interesse público	48
2.2.2. Sensacionalismo – consequência de uma causa.....	53
2.3. A emergência do ciberjornalismo	55
2.3.1. Da pirâmide invertida à pirâmide deitada.....	57
2.3.2. Jornalismo televisivo versus ciberjornalismo	60
2.3.3. Inimigo ou aliado do jornalismo televisivo	62
2.4. Síntese.....	63
Conclusão	65
Bibliografia	68
Bibliografia <i>Online</i>	71
Anexos	75

Índice de Ilustrações

Tabela 1: Reportagens marcantes do estágio.....	18
Figura 1: Tradicional Pirâmide Invertia.....	58
Figura 2: Pirâmide Deitada de Canavilhas, 2006	59

Introdução

A pequena caixa com um formato quadrado que mostrava imagens a preto e branco, o televisor, surgida nos anos 20 e que em 1954 finalmente transmitiu pela primeira vez imagens a cores, chegou a Portugal em 1957. Um prodígio que reunia em locais públicos os curiosos desta evolução, que se dizia ser uma extensão da rádio.

Nos dias que correm, a televisão tornou-se presença assídua na casa de qualquer português, sendo que cada português vê, em média, 3 horas e meia de televisão por dia, ou seja 1/5 do tempo em que não está a dormir (TORRES, 2011: 67).

A televisão generalista divide-se em vários géneros televisivos dentro da sua grelha de programação. Podemos encontrar *talk-shows*, telenovelas, programas informativos, *reality-shows*, entre muitos outros e variados géneros. Hoje e como caracteriza Eduardo Cintra Torres:

“Os conteúdos televisivos, ou melhor, a própria TV migrou para longe do velho ecrã. Libertou-se dos seus progenitores rádio, cinema, teatro e imprensa. Autonomizou-se. Ao fazer zapping, o espetador distingue num segundo o género de programa ou canal que vai passando. O carácter de cada género e do conjunto dos géneros diferencia-se plenamente dos outros media. Essa “maneira de ser”, ou ontologia, da TV é a televisualidade, os seus modos específicos de integrar imagens em movimento, sons e representações verbais. A TV desenvolveu conteúdos próprios, pensados, produzidos e apresentados através da linguagem televisiva, forma de comunicar específica, inconfundível com as linguagens desenvolvidas por outros media” (TORRES, 2011: 19).

Os programas informativos estão presentes em todos os canais generalistas portugueses, ainda que com as suas próprias características, falar de jornalismo televisivo é uma das questões base deste relatório de estágio.

O jornalismo televisivo cresceu e amadureceu ao longo dos anos de emissão, mas com ele outras evoluções aconteceram, principalmente evoluções tecnológicas que

lançaram o jornalismo para outra plataforma: o digital. A quantidade e diversidade da comunicação e da informação praticamente deixaram de ter limites (CORREIA, 2000: 14).

O relatório de estágio que se segue surge da experiência profissional, das reflexões e das observações que os quatro meses de estágio na redação de informação da estação televisiva TVI me deram e das curiosidades que se levantaram sobre a evolução de um canal que transmite, entre outros géneros, a informação.

Numa primeira fase, faço uma retrospectiva sobre o estágio, dou a conhecer de forma crítica o “interior” da redação onde passei quatro meses a trabalhar pela primeira vez naquilo que sempre sonhei. Destaco o trabalho realizado e as minhas funções e relato alguns episódios de saída em reportagem que penso terem sido os que mais marcaram o meu estágio e todo o trabalho que posteriormente foi realizado.

Com seguimento da minha experiência enquanto estagiária e cidadã comum que também vê diariamente programas de informação na televisão e acedo com frequência a redes sociais, a blogues, a jornais *online*, ou seja, a tudo aquilo que o meio internauta tem para oferecer, disserto sobre alguns pontos cruciais como: as fragilidades do jornalismo televisivo enquanto detendo linhas editoriais menos corretas em termos deontológicos, abordando assim o sensacionalismo; e as potencialidades do jornalismo televisivo e do ciberjornalismo, procurando analisar se se trata de concorrência entre meios ou se juntos são uma força maior. Este relatório faz também uma análise sobre determinadas fragilidades do jornalismo televisivo, nomeadamente em termos dos efeitos da luta pelas audiências na qualidade da informação, obrigando algumas vezes a opções entre, por um lado, a perda de credibilidade e, por outro lado, a busca de dar às pessoas, não o que importa mas sim, o que elas querem ver e ouvir.

1. Estágio na TVI

Após a apresentação do meu local de estágio, neste primeiro capítulo pretendo também fazer a apresentação dos pontos que penso serem os mais pertinentes que aconteceram ao longo do meu estágio na TVI e que me fizeram refletir sobre o saber adquirido nestes últimos anos, tanto na Licenciatura em Jornalismo como no Mestrado em Comunicação e Jornalismo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Pretendo ainda, esclarecer a minha experiência como estagiária e como alguém que aspira realizar no jornalismo e que teve pela primeira vez um contato direto com a realidade prática dentro do vasto mundo da informação.

1.1. A TVI

A Televisão Independente (TVI) foi fundada a partir de entidades ligadas à Igreja Católica, inicialmente conhecida por “4” devido à ordem de chegada à televisão portuguesa, enquanto operadora de um sinal de TV, em Portugal, depois da RTP1, da RTP2 e da SIC. Deu início às suas emissões no dia 20 de fevereiro de 1993 chegando a todo o país em outubro de 1994. A TVI foi o segundo operador privado, em Portugal, iniciando as suas emissões depois de a SIC ter dado os primeiros passos nos ecrãs, a 6 de outubro de 1992.

Em 1997 passou a pertencer ao grupo Media Capital¹ e no mesmo ano une a programação e a informação nos estúdios de Queluz de Baixo.

¹ O Grupo Media Capital é o maior grupo no setor de *media* em Portugal. Detém: a TVI – canal ao qual se juntam a TVI24 e a TVI Internacional; a MCR, onde se incluem a Rádio Comercial, a M80, a CidadeFM, a StarFM, a SmoothFM, a VodafoneFM e o *site* de rádio *online* Cotonete. Com o principal ativo - o IOL.

Em 2005 tornou-se líder de audiências e manteve a liderança durante, oito anos consecutivos, até 2012. Se inicialmente a estação apostava numa programação estrangeira e com pouco conteúdo português, hoje a ficção nacional, os *reality-shows* e os *talk-shows* são atualmente das maiores apostas desta estação televisiva.

Quanto à ficha técnica, na direcção temos: o director geral Luís Cunha Velho e como director de programas e criatividade Filipe Terruta, já na informação, José Alberto Carvalho é o director de informação e temos a Judite de Sousa como directora adjunta de informação.

Em termos informativos, a TVI tem cinco importantes referências que são:

- o Diário da Manhã;
- o Jornal da Uma;
- o Jornal das 8;
- o Repórter TVI;
- e os Comentários de Marcelo Rebelo de Sousa.

A TVI detém ainda um *site* oficial na internet: <http://www.tvi.iol.pt/> , o canal de notícias por cabo, a TVI24, que é um espaço dedicado exclusivamente à informação com programas relacionados com as mais variadas secções tal como a tvi24.pt com site oficial: <http://www.tvi24.iol.pt/>.

A TVI conta com cerca de sessenta² jornalistas que trabalham diariamente para a redacção de informação.

² O número de jornalistas é um dado aproximado fornecido pelos profissionais de informação do canal.

1.2. A chegada à redação

10 de setembro de 2012 foi o dia em que cheguei à redação da TVI. Foi um dia que jamais esquecerei, não só pela carga emotiva, no sentido em que estava a pisar pela primeira vez uma redação na qual sabia que iria estar durante quatro meses e também pelo nervosismo natural por não saber o que me esperava em todos os sentidos, os positivos e, claro, os menos positivos.

As expectativas eram elevadíssimas, queria aprender muito, aplicar tudo aquilo que havia aprendido e crescer enquanto aspirante a jornalista.

Felizmente, logo à chegada foi-me dada a possibilidade de ficar na secção de sociedade, pois era o que de facto queria fazer, trabalhar numa área que considero ser a que melhor se enquadra com as minhas capacidades e com o que gosto de fazer: um pouco de tudo.

Quando cheguei à secção de sociedade, a editora Ana Candeias falou-nos logo sobre os horários (10h00 – 18h00) e de que só no início é que não valeria a pena trabalhar durante os fins-de-semana. Uma conversa rápida; tão rápida que me deixou um pouco assustada. “E agora?” – pensei.

É de salientar que havia duas editoras de sociedade, a editora que já referi - Ana candeias - e ainda outra editora, a Isabel Moição que só conheci mais tarde quando regressou de férias.

Passado pouco tempo de ser apresentada à primeira editora, uns minutos, outra estagiária que já lá estava há quase nove meses fez questão de nos dar a conhecer a “nova casa”. Conheci todas as secções de informação e grupos de trabalho que se estendiam ao longo de dois pisos:

- no rés do chão – a secção de sociedade, a secção de online, a secção de economia, a secção de política, um espaço reservado para a equipa de edição

de imagem, um espaço reservado para os pivôs e, por fim, um espaço reservado para a produção;

- e no 1º andar – a secção de desporto, a secção de internacional e um espaço reservado para a agenda.

Excetuando a diferença de andares, os jornalistas trabalham de forma ampla sem qualquer tipo de separação entre as secções; há apenas distinção nas cores das cadeiras onde se sentam, o que me pareceu bastante positivo no que diz respeito ao desenvolvimento do espírito de trabalho em equipa.

Entretanto, visitámos todos os locais que obrigatoriamente teria de conhecer para mais tarde poder desempenhar as minhas funções jornalísticas, nomeadamente, exemplo fundamental disso, a mediateca. Posteriormente, conheci o local ao qual teria de me dirigir quando fosse sair em reportagem: uma sala exterior à redação onde os repórteres de imagem esperavam pelos jornalistas para seguirem então para o destino determinado.

A estagiária mostrou ainda todos os restantes complexos da TVI, os estúdios dos programas, o bar e a cantina, deixando-me assim mais à-vontade em termos de domínio do espaço.

Após conhecer a TVI, a mesma estagiária mostrou-me o material disponível, os programas informáticos destinados tanto à alocação das peças bem como para a edição rápida, explicando-me que cedo teria a minha palavra-passe para poder trabalhar nos computadores.

Quanto a esta receção, pareceu-me estranha porque só os estagiários é que falaram comigo. A própria editora de sociedade não perdeu mais do que dois minutos na apresentação. Hoje, obviamente, que já percebo o porquê... o stresse, a pressa e a correria estão sempre presentes antes do jornal começar, durante e, muitas vezes, já mesmo no fim ainda havia uma alteração a fazer a alguma peça, ou porque uma palavra estava mal traduzida nas legendas, ou por outras mil e uma razões.

1.3. A integração do estagiário no meio laboral

Numa primeira fase, antes de começar a trabalhar e por recomendação da editora Ana Candeias, os estagiários da TVI começam por sair em reportagem com os jornalistas da casa. Assim, de manhã, quando chegava a TVI, ia ver ao computador as “saídas” programadas e dirigia-me ao jornalista em causa para saber se não se importava que o acompanhasse.

Foram cerca de duas semanas, em que mal tinha oportunidade saía em reportagem. A minha presença era apenas de observadora e assim, percebia o tipo de linha editorial dentro da secção em que estava colocada e, em simultâneo, aprendia presencialmente como agir durante o desempenho da profissão: a postura, a procura das imagens certas para ilustrar a peça na redação, a questão certa para a resposta desejada, a própria atitude de segurança e, ainda, a rapidez de execução necessária, pois se saíamos às 10h00 da redação às 11h30 já tínhamos de estar de volta para ingestar cassetes e começar a seleção das imagens para a construção e edição da peça.

São imensos os nomes que posso referir, com quem saí em reportagem e com quem aprendi bastante como, por exemplo, os jornalistas Susana Bento Ramos, Carla D’Ascensão, Susana Pinto, Hugo Capela, Ana Filipa Nunes, Raquel Matos Cruz; os repórteres de imagem Braun Caetano, Paula Fernandes, Carlos Rodrigues, João Franco, Jaime Franco, Tiago Euzébio, entre outros.

Com todo este entusiasmo e satisfação por estar ao lado de jornalistas em ação, a minha vontade de sair em reportagem crescia a cada dia. No entanto, durante estas duas primeiras semanas não era dado grande trabalho aos estagiários além de saírem com outros jornalistas.

O que eu procurava então fazer durante este período e sempre que não havia reportagens para acompanhar era aprender a dominar melhor outras técnicas:

- **Contatos** – “fazer contatos” baseava-se em ligar para as entidades ou pessoas (com quem os outros jornalistas queriam falar e, mais tarde, eu própria) para dar a conhecer o interesse da TVI em entrevistá-las e, assim, combinar a hora mais adequada.
- **Ingestar as cassetes** – antes de fazer o quer que seja com o material trazido da rua é necessário ir à mediateca entregar as cassetes e preencher a identificação do jornalista e do conteúdo para que em seguida o bruto seja passado em tempo real para o sistema onde então poderemos visualizar e proceder à edição. Enquanto não saía em reportagem ingestava as cassetes de outros jornalistas para praticar.
- **Legendas** – as legendas são feitas a declarações em língua estrangeira ou quando aquilo que é declarado, ainda que em português, não é bem perceptível pelo som. Assim, na maioria das vezes são os estagiários a fazer esta tarefa. Traduzir o que foi dito, transcrever para um documento e posteriormente pedir a um editor para (numa sala própria para o efeito) colocar as legendas no tempo certo das imagens.
- **Edição** - sentada em frente a um computador de edição pegava nos trechos dos outros jornalistas e fazia eu mesma as reportagens, ou seja, editava os conteúdos em bruto e tornava-os numa notícia da minha autoria com a minha voz, melhorando também assim as minhas capacidades de articulação das palavras e o tom. A rapidez em editar é importantíssima porque mesmo tendo os editores de imagem para nos montarem as peças, muitas vezes, estavam todos ocupados e, a partir de outros jornalistas, percebia que, muitas vezes, teríamos de ser nós próprios a começar por adiantar a edição da reportagem para ir para o ar dentro de poucos minutos.
- **Alocação das peças** – esta é uma tarefa bastante importante, e é a última tarefa a fazer para que a notícia possa ir para o ar. Depois do editor de

imagem terminar a montagem, tem que se alocar a peça em causa: ou seja, dirigimo-nos a um computador e “puxamos” a peça para o sistema (grelha) do telejornal.

Após observar os trabalhos dos outros profissionais, de aumentar a destreza dentro do trabalho da redação e de criar alguma confiança com os jornalistas da secção de sociedade começou finalmente o trabalho fora da redação.

Ainda de forma prematura, as saídas começaram por ser quando um jornalista afirmava: “Preciso que um estagiário me vá buscar uma reacção!” – Ou seja, tratava-se de ir buscar as chamadas “bocas” em que perante um acontecimento alguém tinha algo a dizer sobre o assunto. Muitas vezes trata-se de contrariar o que tinha sido declarado anteriormente por outro sujeito.

Esta fase de integração ajudou a que eu pudesse desenvolver as capacidades necessárias para que mais tarde conseguisse ter a bagagem suficiente para exercer todas as funções como jornalista dentro e fora da redação.

Penso ser pertinente referir que para todas as expectativas que tinha criado quando soube que iria de facto estagiar numa redação de informação de um canal televisivo, este primeiro período de integração não era 100% satisfatório, mas agora percebo o quanto me enriqueceu e ajudou a construir as bases sólidas para tudo o que pudesse surgir a seguir, em reportagem.

1.4. Algumas funções discutíveis do estagiário

No ponto anterior referi algumas das fases em que desempenhei determinadas funções até estar apta para ser a autora das minhas próprias peças. No entanto, penso ser

pertinente fazer uma breve análise das funções desempenhadas pelo estagiário, no sentido de fazer alguma discussão.

O estagiário, após a fase de integração, desempenha quase as mesmas funções de um jornalista profissional, no entanto, há alguns pontos que penso ainda não estarem bem conseguidos por parte da entidade acolhedora:

1. Desde o início que foi aconselhado a todos os estagiários a apresentação de propostas de trabalho, a partir de pesquisas ou de ideias que surgissem e que dessem aso a uma peça para o telejornal. Os próprios jornalistas o faziam, mas para os estagiários a resposta por parte das editoras era geralmente sempre negativa. Eu apresentava as propostas e as respostas eram, na sua grande maioria, por regra as seguintes: “não há tempo para isso”, “já fizemos uma peça sobre esse assunto”, “o jornalista já vai fazer uma peça assim”. Noutros casos as propostas nem sequer eram vistas e ficavam simplesmente em cima da mesa.

2. Houve trabalho para os estagiários, mas quando falamos numa secção que chega a ter seis estagiários a cumprir o mesmo horário, há sempre alguém que fica sem fazer nada o dia todo. Felizmente, ainda houve alguma camaradagem entre os estagiários, no sentido de partilhar tarefas. Nos tempos sem trabalho, que chegavam a ultrapassar os dois dias, havia outras tarefas a desempenhar mas, muitas vezes, por iniciativa própria.

3. A reportagem em cima da hora é o “prato do dia” em qualquer redação, mas também pode traduzir-se na falta de tempo para perceber a verdadeira questão noticiável ou fazer uma pesquisa. Normalmente, o jornalista estrutura mentalmente a peça, pensa nas questões, tendo apenas uma hora para fazer tudo isto. Neste ponto, quero esclarecer que sei o quanto normal é acontecer este imediatismo, mas o mesmo faz com que, muitas vezes, o trabalho (principalmente feito pelo estagiário com menos experiência) não seja realizado com a melhor qualidade. Exemplo disso, foi o caso de um estagiário da secção sociedade sair em busca de uma “reação” para a secção de economia, sem que nada percebesse do assunto e conseqüentemente a inutilização do seu trabalho.

4. Na minha experiência como estagiária, os episódios que mais me desagradaram foram quando saía em reportagem, fazia as entrevistas, pedia ao repórter de imagem para tirar este ou aquele plano para a peça e, no fim, chegava com a peça pronta a montar à redação e as editoras diziam, “Podes ir entregar o material ao jornalista!”. Obviamente que não me refiro a situações como o ir buscar reações, ou ir tirar planos para pintar a peça de outro jornalista, ou muitas outras funções que fazíamos mas que sabíamos que não eram para fazer nenhuma peça nossa mas sim juntar a uma peça de outro jornalista. Gosto de trabalhar em equipa, sempre ajudei os jornalistas quando estes estavam sem tempo, fosse a fazer legendas, fosse na alocação das peças, etc. No entanto, se eu saio à rua para fazer uma reportagem minha, sem sequer falar com o jornalista que afinal será o autor, quando eu coloco uma questão de uma forma e obtenho a resposta desejada, isso significa que eu mentalmente já sei o que tirar dessa resposta e onde a irei colocar na minha peça. Ainda assim, pretendo esclarecer esta questão com um exemplo no ponto 1.5. A saída à rua dos estagiários – As reportagens, onde falo sobre as reportagens que de algum modo me marcaram.

Este ponto serviu para dar a conhecer o lado menos positivo do estágio, mas que, no entanto, me fez perceber que temos de estar preparados para tudo, quando chegamos a uma redação.

1.5. A saída à rua dos estagiários – As reportagens³

A saída como estagiária em reportagem foi, sem dúvida, o momento mais importante e desejado do meu estágio. Dentro do estágio, penso que foi o momento que mais correspondeu às minhas expectativas, não só por fazer finalmente o que sempre

³ Estas reportagens são peças noticiosas com a duração de cerca de dois minutos. Mais especificamente são reportagens de atualidade, mas que dentro da redação eram tratadas da forma como refiro no subtítulo. É por essa razão que ao longo do Relatório me referido às minhas reportagens de atualidade e a outras desta forma – as reportagens.

sonhei, mas também por ser o momento em que as editoras acreditam verdadeiramente nas capacidades da novata em reproduzir uma peça noticiosa.

O produto final, a reportagem, não começa claramente no acontecimento. O acontecimento é a razão pela qual se vai fazer a notícia, no entanto, para reportar existe um processo de trabalho que começa na redacção e acaba nos ecrãs. A partir da minha experiência pessoal e da observação do desempenho dos outros jornalistas, passo a expor esse mesmo trabalho que envolve a reportagem:

Numa primeira fase, recebia das minhas editoras a informação que ia fazer uma peça, em que estas já me davam ou não um enquadramento da situação. Se necessário pesquisava sobre o assunto para me informar melhor sobre o que se tratava; via notícias relacionadas na internet e imprimia aquela que me parecia mais completa e credível; caso as editoras não tivessem contactado o(s) entrevistado(s), entrava eu em contato com a entidade ou pessoas a quem iria entrevistar e marcava a hora e o local da entrevista (ou era eu informada sobre o local do acontecimento). Posteriormente, dirigia-me à mediateca para pedir cassetes, por norma duas – apenas por uma questão de segurança são dadas duas cassetes, caso uma não funcione, temos outra sempre de reserva. Ainda na TVI via no sistema quem era o repórter de imagem que me ia acompanhar e dirigia-me a sala onde por norma estavam à espera de serem chamados para saírem em reportagem.

Já a caminho do local, na cabeça já se estão a estruturar as questões certas para obter as respostas desejadas. No local e dependendo do acontecimento em si, o objetivo em geral é obter nas entrevistas o conteúdo necessário para escrever a peça e tirar bons “vivos” que liguem com o resto da informação e tirar planos suficientes para mais tarde na redacção “pintar” a peça.

De volta à redacção, a primeira tarefa era ingestar a cassette na mediateca, porque quanto mais rápido ficasse disponível no sistema mais depressa começava a trabalhar no bruto. Uma vez o bruto disponível, vejo as entrevistas à medida que vou cortando o mais importante para a peça e vejo os planos que o repórter de imagem fez para poder “jogar” com o meu texto. Redigida a notícia mostro-a à minha editora e, depois de haver

alguma correcção ou não, peço a um editor de imagem que me monte a peça. Conversávamos os dois sobre algumas opções de montagem e a peça ficava pronta dentro de minutos. Restava só alocar ao sistema para ir para o ar.

Dividi as tarefas a realizar para a concretização de uma reportagem em três parágrafos por uma questão de situar o lugar onde essas mesmas tarefas eram feitas.

Entre as variadas reportagens que fiz gostaria de destacar as que, por alguma razão marcaram o meu estágio, por razões que adiante passarei a explicar.

Nº	Dia	Nome da peça	Jornal	Pivô
1	1.10.2012	Vivaldi	Jornal da Uma	Pedro Pinto
2	20.10.2012	Leopardos da Pérsia	Jornal da Uma	Patrícia Matos
3	25.10.2012	AmadoraBD	Jornal da Uma	Pedro Pinto
4	5.11.2012	Povo e Merkel	TVI24 – 14:00	Rita Rodrigues
5	17.11.2012	Emmy	Jornal da Uma	Paulo Salvador
6	17.11.2012	Gerações do fado	Jornal das 8	Judite sousa
7	30.11.2012	Frio do fim de semana	Jornal das 8	Judite Sousa
8	1.12.2012	Luzes de Natal	Jornal das 8	Judite Sousa
9	3.12.2012	Estudo sobre deficiência	Jornal das 8	José Alberto Carvalho
10	30.12.2012	Passagem de Ano	Jornal das 8	José Alberto Carvalho
11	2.1.2013	Turismo em Aveiro	Jornal da 8	José Alberto Carvalho
12	5.1.2013	Atum gigante	Jornal da Uma	Patrícia Matos
13	7.1.2013	Ioga no museu	Jornal da Uma	Paulo Salvador

Tabela 1: Reportagens que marcaram o estágio⁴

⁴ Na tabela 1, ainda que referidas apenas uma vez, era frequente que a mesma reportagem fosse repetida, em noticiários e apresentada por outros pivôs.

Passo a dar uma breve impressão das reportagens presentes na Tabela 1 que, como havia referido, foram as que marcaram o meu estágio pelas razões que ao longo da pequena descrição irei mencionar:

- 1) **Vivaldi** - Foi a 1 de outubro que saí em reportagem pela primeira vez. A peça era sobre a apresentação da 1ª temporada de concertos 2012/13 no auditório da Sra. Boa Nova, em Cascais – em que a abertura dos espetáculos contava com a presença do conjunto luso-italiano Divino Sospiro. Este primeiro concerto que iria reportar focava-se em Vivaldi e no Barroco Europeu. Entrevistei a organização do evento, o director musical dos Divino Sospiro, Massimo Mazzeo, e realizei, já no fim do espectáculo, um pequeno *vox pop* sobre a opinião da plateia acerca do concerto. – esta foi a minha primeira peça que, sem dúvida, me marcou pelo nervosismo e pela ansiedade da primeira vez.
- 2) **Leopardos da Pérsia** – Esta reportagem focou-se na seguinte informação: um casal de leopardos da pérsia partia para a Rússia para ser reintroduzido no seu habitat natural e, assim, aumentar a reprodução desta subespécie que se encontrava em vias de extinção. Este acontecimento deu-se porque o Jardim Zoológico de Lisboa participava num programa europeu de reprodução. Entrevistei a veterinária dos felinos do zoo, Teresa Fernandes, e o tratador, Aires Colaço; captámos imagens dos felinos (que naquele dia pareciam estar tímidos para as câmaras). Esta peça marcou-me pelo facto de achar que em termos de noticiabilidade, não tinha grande densidade. Apesar disso, já na redacção, tendo em conta que a peça era para minuto e meio, algumas das partes essenciais da informação foram riscadas pela editora. Desta forma a informação sobre o porquê desta “emigração” de leopardos desapareceu para dar lugar à tristeza do tratador dos felinos.
- 3) **AmadoraBD** – Esta foi uma peça que me marcou pelo facto de ter sido feita toda dentro da redacção: as imagens e os excertos da entrevista foram recebidos pela Lusa, sendo que não houve qualquer tipo de trabalho

jornalístico, nos exteriores. A peça tratava a 23ª edição do Festival AmadoraBD com o tema “Autor como Personagem”. Depois de ver as imagens e as entrevistas, senti-me na obrigação de fazer uma pesquisa mais aprofundada visto não querer correr o risco de me conduzir apenas pelo que estava disponibilizado pela agência noticiosa, podendo estar a ser induzida em erro ou a ser-me dado apenas o básico da informação. Quando pesquisei percebi que havia mais informação sobre o assunto, inclusive noutras notícias sobre o mesmo evento. Fiz o texto com o material reunido. No entanto, de cada vez que mostrava o meu trabalho à minha editora para saber o que achava, mandava-me cortar a informação “extra”... até que, por último, o produto final acabou por ser mesmo apenas aquilo que tinha sido enviado pela Lusa, ou seja, as imagens e a entrevista a Nelson Dona, da organização do evento, que serviu para retirar os “vivos” para a peça.

4) **Povo e Merkel** – Esta foi uma peça de fim de semana, pouco tempo antes da viagem da Chanceler alemã, Angela Merkel, a Portugal, a 12 de novembro. O que o editor desse fim de semana me pediu foi que saísse à rua para fazer um *vox pop* com o intuito de saber o que as pessoas achavam da visita da Chanceler ao nosso país e se a culpavam pelo facto de os portugueses estarem a atravessar esta crise. (Não quero que seja passada a ideia de que este pedido pelo editor me tenha parecido absolutamente normal, mas prefiro dar a minha opinião no fim de explicar o processo da reportagem.) As questões que achei pertinentes fazer para obter as respostas que o editor queria foram:

- Sabia que Angela Merkel vem a Portugal?
- Sabe o que é que a Chanceler vem cá fazer?
- Acha que a culpa da crise que Portugal está a passar também é atribuída a esta política?
- Sabe que já há um protesto marcado para esse dia? Vai participar?

- Se pudesse, o que lhe diria?

Chegada à redacção, comecei logo a trabalhar na peça. Quando estava quase no fim do trabalho, o editor que estava na régie passou pela secção e perguntou-me “Temos peça? Trataram muito mal a chanceler?” No mesmo momento pensei: “não vamos ter peça porque as entrevistas mostraram descontentamento, não insultos a Angela Merkel!”. Mas como já tinha a peça quase terminada respondi: “Temos peça!”. Posteriormente refleti, refleti bastante sobre aquele momento do estágio e levantei inúmeras questões sobre o trabalho jornalístico, sobre a informação e sobre tudo aquilo que tinha aprendido enquanto aluna de comunicação e jornalismo. A peça foi para o ar, não como o editor quis que ela fosse, foi para o ar com a opinião das pessoas, o descontentamento da população: um trabalho sobre a vinda da chanceler alemã a Portugal e que, pelo meio, tinha um *vox pop*.

- 5) **Emmy** – esta foi uma reportagem que me deu a conhecer o lado mais publicitário que a informação pode dar do seu próprio canal televisivo. Tratava-se da nomeação da telenovela da TVI “Remédio Santo” nos prémios Emmy. As entrevistas aconteceram no dia em que alguns elementos do elenco partiam em direcção a Nova Iorque. Ainda no aeroporto de Lisboa, foram realizadas as entrevistas aos atores João Catarré, Sara Barradas, Rita Pereira e Margarida Marinho. Ao editar a peça tinha em mente que a editora, no dia anterior, me pediu para dar especial atenção à Rita Pereira, considerada pelos editores como a atriz favorita do elenco. O editor nesse dia estava especialmente preocupado com a minha peça, porque tinha de ser “bastante apelativa”. Antes de a peça ir para o ar, fiz o texto para o pivô ler no teleponto. O meu texto era: “Depois de ter feito história ao tornar-se a primeira televisão portuguesa a ganhar um Emmy de melhor telenovela, com *Meu Amor*, a TVI pode voltar a fazer história pois é novamente uma das candidatas ao prémio. A comitiva partiu esta manhã para os Estados Unidos”. No entanto, o pivô tem a possibilidade de mudar o que vai ler e mudou o meu texto para: “Depois de ter feito história ao tornar-se a primeira

televisão portuguesa a ganhar um Emmy de melhor telenovela, com *Meu Amor*, a TVI pode voltar a fazer história, pois é novamente uma das candidatas ao prémio da indústria televisiva mundial. A comitiva partiu esta manhã para os Estados Unidos, com muitas das estrelas, que fazem brilhar a ficção da TVI”. Podemos fazer uma análise ao que foi mudado, aliás neste caso acrescentado. Não houve aumento de informação mas sim o aumento claro da grandeza deste acontecimento que, na minha opinião, daria apenas um *off* do pivô, ou seja, ele lia a informação necessária enquanto, em simultâneo, passariam imagens da partida dos atores. A dimensão da notícia não foi a que o editor esperava e por essa razão, entregou o meu trabalho a outra jornalista. No jornal das 8, a minha peça tinha sido alterada na mesma linha que o pivô tinha alterado a sua “deixa” antes de a peça entrar. Obviamente que houve um enorme sentimento de frustração até porque, mais tarde a editora Ana Candeias elogiou a minha peça e a minha voz. Mas, foi absolutamente perceptível que era necessário dar mais a ideia de “espetáculo” à peça do que propriamente informação. Ainda de referir sobre a peça do Emmy, a alteração do pivô à sua “deixa” antes da entrada da peça, confirma a falta de imparcialidade existente nas suas palavras. Imparcial que significa não favorecer esta ou aquela corrente de pensamento (JESPERS, 1998: 54).

- 6) **Gerações do fado** – Esta foi uma reportagem que gostei imenso de fazer porque tive livre arbítrio em toda a sua estrutura. Tratava a divulgação do espetáculo “Gerações do Fado” que juntava no teatro Tivoli importantes vozes do fado como Carlos do Carmo e Celeste Rodrigues e, ainda, outros talentos de todas as idades. A reportagem foi realizada durante o ensaio geral em que foram entrevistados alguns fadistas e tirados os planos necessários para a peça. Nesta reportagem, as entrevistas tiveram de ser repetidas pela segunda vez devido a um erro da câmara. No entanto, tanto da parte do repórter de imagem como dos entrevistados, houve um enorme sentido de trabalho e cooperação. Ainda que fosse uma notícia de “divulgação”, foi um

trabalho que gostei de fazer também porque estive na situação menos agradável de ter de pedir aos entrevistados para fazer tudo novamente: foi desafiante.

- 7) **Frio do fim de semana** – A peça reportou o nevão na Serra da Estrela, que já tinha ativado um plano da Autoridade Nacional da Proteção Civil, que garantia a segurança dos habitantes e turistas durante o fim de semana. Fomos ao Instituto de Meteorologia saber as previsões para o fim de semana, que estava à porta. As imagens do nevão foram-nos enviadas pelo repórter de imagem Paulo Pimentel que estava na Serra da Estrela. Comigo fez-se acompanhar a repórter de imagem Paula Fernandes com quem gravei a entrevista ao metereólogo. Foi uma peça diferente da que estava habituada a fazer devido ao seu conteúdo mais específico.

- 8) **Luzes de Natal** – A reportagem tratava da inauguração das iluminações de Natal no Rossio; da inauguração da árvore de Natal na Praça do Comércio; do facto de a Câmara Municipal ter transferido 250 mil euros para a União de Associações de Comércio e Serviços para poder iluminar as ruas lisboetas; e de a empresa municipal Egeac ter investido mais 229 mil euros nestas comemorações de final de ano. Entrevistar o presidente da Câmara de Lisboa, António Costa, foi um desafio, pelas constantes tentativas de “fugir” às minhas questões colocadas acerca dos verdadeiros valores e investimentos feitos naquelas comemorações estando o nosso país a atravessar uma crise profunda. Posteriormente, realizei um pequeno *vox pop* sobre se as pessoas tinham gostado das iluminações e se achavam que aquele dinheiro tinha sido bem investido, visto tratar-se de um investimento três vezes superior ao do ano de 2011.

- 9) **Estudo sobre deficiência**⁵ – Este foi o caso da reportagem que já mencionei atrás, acerca do estagiário que sai em reportagem e, quando chega à redacção com o trabalho mentalmente estruturado e pronto a editar, descobre que

⁵ A peça foi assinada pela jornalista Carla d’ Ascensão.

afinal tem de entregar o material a outro jornalista. Antes de o fazer, quero apenas clarificar que tenho todo o respeito pela jornalista com quem este episódio aconteceu, e que, sem culpa, acabou por fazer parte deste marco menos positivo do meu estágio. As editoras marcaram-me a reportagem e colocaram-me desde logo a par do que se tratava: a peça seria sobre um estudo realizado pela ACAPO⁶ feito pela primeira vez em Portugal, que apresentava valores estatísticos alarmantes sobre pessoas com deficiência visual. O facto que se realça é o de metade da população cega viver de uma prestação da Segurança Social. A peça iria realizar-se na apresentação destes dados pela ACAPO, no Dia Internacional das Pessoas com Deficiência. Desde já penso que nesta peça a minha decepção e frustração foi maior pelo facto de se tratar de uma área que me sensibiliza: o lado social, a injustiça e a deficiência. Ter feito (até determinado momento) esta peça foi absolutamente gratificante porque consegui falar com duas pessoas com deficiência visual, que me deram o seu testemunho, apesar de a coordenadora do estudo me ter avisado que dificilmente o conseguiria. Entrevistei ainda, o presidente da associação, Carlos Lopes. Por fim, a repórter de imagem, Paula Fernandes, fez um trabalho brilhante em termos de imagem, pediu a um dos entrevistados que se deslocasse para que se ouvisse o bater da bengala no chão e, assim, criar uma sonoridade fora do habitual na peça. A peça ficou mentalmente estruturada enquanto íamos a caminho da redacção. A notícia de que não seria eu a montar a peça deixou-me desolada, mas obviamente que não o podia dizer, nem fazer nada. Entreguei o material à jornalista, dei-lhe um resumo sobre o mais importante, os nomes dos entrevistados e a idade. Dei-lhe os meus apontamentos e disse-lhe que se precisasse da minha ajuda para me chamar que eu estaria ali mesmo ao lado. Como já havia referido, gosto de trabalhar em equipa, aliás, penso que esta questão nem tem a ver com isso, mas antes com uma certa forma como se encara o trabalho dos estagiários e o seu esforço. Em suma,

⁶ Acapo – Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal.

achei absolutamente desmotivante este tipo de episódios que aconteciam aos estagiários.

10) **Passagem de Ano** – Penso pertinente referir esta reportagem para mostrar um pouco da ajuda que os próprios jornalistas nos davam, ao fim de algum tempo e de, naturalmente, alguma confiança. Foi-me pedida uma peça que mostrasse o que é que os portugueses iriam fazer na passagem de ano, se viajariam, se a crise influenciava de algum modo as escolhas dos lugares para esta altura festiva do ano, se se juntavam aos amigos, se ficavam em casa, etc. Depois das entrevistas, feitas em Lisboa, a chegada à redação atrasou-se devido ao trânsito que apanhámos no caminho de volta. O único jornalista que estava naquele momento na secção de sociedade era o Hugo Capela, a quem devo, sem dúvida, o facto desta peça estar pronta a tempo de ser alocada e ir para o ar. Assim que cheguei, comecei a cortar os “vivos” dos entrevistados e a redigir o meu texto. Com o tempo prestes esgotar-se, este jornalista arrastou a cadeira para o meu computador e disse “Deixa-me ajudar-te nisso!”, em cinco minutos, não mais do que isso, a peça estava pronta para ser editada, em voz alta chamou por um editor de imagem e aloquei a peça passados outros dois minutos. Sem dúvida, a peça mais rápida mas também sem dúvida a que tive a maior ajuda. Ficou a atitude que marcou o meu estágio.

11) **Turismo em Aveiro**⁷ – Penso ser pertinente referir esta peça para mostrar também o trabalho de equipa dentro da redacção. A peça começou por ser trabalhada em Aveiro, com um *vox pop* feito aos turistas sobre a nova taxa turística, no valor de 1 euro, criada pela Câmara de Aveiro, no sentido de “ajudar a pagar os encargos com o espaço público”. Este trabalho inicial foi realizado por uma jornalista destacada para o efeito. Posteriormente, a minha editora pediu-me que me dirigisse à sede da AHP⁸ para entrevistar a presidente da direcção, Cristina Siza Vieira, referindo, em seguida, que seria

⁷ A peça foi assinada pelo jornalista Marcos Pinto.

⁸ AHP - Associação Hoteleira de Portugal.

outro jornalista que iria continuar com a peça. Fiz a minha parte do trabalho que era perceber o ponto de vista da presidente da AHP, que reiterou a sua posição, referida noutros meios de comunicação, de que se tratava de uma inconstitucionalidade. De volta à redação, entreguei o material ao meu colega jornalista que continuou o trabalho para o Jornal das 8. Este é um de muitos exemplos de trabalho de equipa que, tratado de forma clara entre os profissionais, não causa constrangimentos, ao contrário do caso da reportagem acerca do estudo sobre os deficientes visuais.

12) **Atum gigante** – Esta foi uma peça realizada com base numa notícia proveniente do Japão, que implicou a realização de uma reportagem, mas que teve muito trabalho de pesquisa até à sua conclusão. A editora chegou com imagens da Reuters de um atum gigante a ser leiloado com licitações em japonês e apenas me sabia dizer que era um recorde em leilão. Depois de algum tempo de pesquisa consegui encontrar as informações necessárias para fazer uma peça que tivesse conteúdo suficiente e, assim, merecesse o tempo que lhe foi destinado no telejornal. Esta foi uma das peças em que percebi a grande ajuda que é a internet para o jornalismo e para a informação em geral.

13) **Ioga no museu** – Esta foi uma reportagem que gostei especialmente de fazer pelo facto de saber que, provavelmente, seria a minha última reportagem. Enquanto a fiz, o meu sentimento de despedida já estava bastante presente e penso que, sem querer, esse facto funcionou bem com o tipo de peça que teria de fazer. A peça foi sugerida tendo sido dada a informação de que se tratava de uma iniciativa diferente do habitual: sessões de “Ioga no Museu”. O objectivo desta iniciativa era desenvolver aulas e *workshops* da modalidade num espaço pouco comum, mas que no fundo acabava por combinar na perfeição com toda a arte da Casa-Museu Medeiros e Almeida, em Lisboa. Achei pertinente entrevistar não só a professora de ioga, Paula Morais, bem como alguns alunos sobre esta pioneira iniciativa que já tinha imensos alunos. Esta foi das reportagens em que melhor consegui “jogar” os sons com a imagem, devido ao enorme chafariz que se encontrava no centro

da sala do museu – a “sala do lago” – onde decorriam as aulas. Consegui fazer uma reportagem que ligasse os dois tipos de arte, a que já estava em exposição no museu e o ioga. O som relaxante da água a cair, as esculturas, as cadeiras de trono, os azulejos e o ioga tornaram a minha reportagem numa sincronia perfeita. O trabalho do repórter João Pedro Matoso, foi fundamental na captação das imagens e do som, tanto da água a cair, como da voz suave da professora de ioga. Na redacção, a edição foi feita exactamente da forma como pedi, com o “pintar” do voz-off como as imagens que achei mais interessantes para a peça.

Esta foi a exposição das reportagens de atualidade que penso terem marcado o meu estágio e que me permitiram alargar a minha experiência dentro do jornalismo, como a tornar-me mais crítica em relação aos conteúdos e às linhas editoriais.

1.6. As inibições do trabalho do jornalista estagiário

Ao longo do percurso realizado durante o estágio, como estagiária percebi que não podia desempenhar todas as funções tal como inicialmente imaginei.

Esta realidade quebrou um pouco a magia que tinha pelo estágio numa estação televisiva. Obviamente que não me estou a referir a funções como a de ser pivô, nem a de fazer um direto durante uma emissão do noticiário. No entanto, como será possível perceber ao longo dos pontos que se seguem referentes a esta questão, as inibições feitas aos estagiários que realizam um estágio curricular são explicáveis pelas questões legais que o regulamentam.

Também por experiência, passo a analisar as duas situações que se seguem.

1.6.1. O estagiário não assina peças

Dentro da redação de informação da TVI, na secção de sociedade, o estagiário não tem autorização para assinar as peças que faz, ainda que estas sejam revistas pelas editoras antes de serem transmitidas.

Quando um jornalista assina uma peça da sua autoria, está desta forma a dar nome ao responsável pelo trabalho realizado e, mais tarde, transmitido. O esforço e o trabalho feito pelo estagiário não são reconhecidos para além da redação, sendo este critério discutível, visto estarmos num mundo cheio de oportunidades e de propostas surgidas a partir de uma simples assinatura no fim de uma reportagem.

A partir da discussão com outros colegas, também estagiários mas noutras entidades, soube que em alguns casos houve a possibilidade de assinar o trabalho realizado. Quanto aos estagiários da secção de *online* da TVI, estes colocavam a letra inicial do primeiro e do último nome por uma questão de facilidade de correção para os jornalistas responsáveis. Assim, sabiam quem tinha feito a notícia e dirigiam-se diretamente à pessoa. Não se tratava de uma assinatura. Mais tarde irei esclarecer esta questão no ponto referente ao tempo que estive a estagiar na secção de *online*.

Do meu ponto de vista, há duas perspectivas de análise:

1. O reconhecimento – o reconhecimento é de facto importante para quem teve o esforço de realizar tudo o que foi necessário até que a notícia saísse cá para fora. Ainda que seja um estágio curricular e que o estagiário não tenha carteira profissional, compreende-se que haja uma enorme vontade de que este veja o seu trabalho com o seu nome atribuído. Num blog sobre estagiários de jornalismo, a publicação “Uma questão de sorte?” cita o testemunho de uma estagiária do Diário de Notícias perante a situação de não ser remunerada pelo seu trabalho “*não é justo, porque a única recompensa pelo trabalho que se tem é ver o nome no jornal*”. Percebe-se por estas palavras o valor atribuído ao facto de assinar uma peça. Joana, a jovem estagiária ainda que considere “a única recompensa” de forma depreciativa, considera que é uma recompensa. Maria José

Margarido é uma jornalista deste jornal onde também realizou o seu estágio refere: *“Há uma ala no DN que acha que os estagiários não devem assinar em altura alguma e outra que acha que devem assinar às vezes, mas o que nós levamos daqui são as páginas que assinamos (...)”*.

2. A responsabilidade – por outro lado, a responsabilidade sobre a notícia que passa no telejornal recai sobre quem a assina. Visto deste prisma, o facto de um estagiário não assinar aquilo que faz salvaguarda-o de punições futuras. Durante o estágio curricular, o estagiário não tem uma carteira profissional, este documento que como refere o Estatuto do Jornalista no Artigo 4.º - Título profissional:

“1 - É condição do exercício da profissão de jornalista a habilitação com o respectivo título, o qual é emitido e renovado pela Comissão da Carteira Profissional de Jornalista, nos termos da lei.”

Assim sendo, o estágio curricular não assegura aquilo que uma carteira profissional defende, tanto os deveres como os direitos. Ou seja, a assinatura na peça do estagiário não é uma assinatura de um jornalista, é uma assinatura de um aluno sem carteira profissional, um cidadão comum. Colocando a questão em exemplo: Durante o meu estágio, se fizesse uma reportagem em que tivesse dado uma informação que levantasse alguma polémica e me fosse pedido que revelasse a fonte, eu não teria qualquer tipo de defesa a meu favor para o negar. Assinei uma peça, não como uma jornalista que tem o direito de não revelar a fonte, mas como uma cidadã comum que teria que prestar provas devido à informação que revelei.

A questão de assinar uma peça tem o lado positivo do reconhecimento como já havia referido, mas toca também nesta questão mais crítica, estamos a assumir a responsabilidade daquilo que fazemos como uma pessoa comum, não como um estagiário profissional ou como um jornalista, ambos com carteira profissional.

1.6.2. O estagiário não entra na Assembleia da República

Este é um ponto que gostava de falar devido a um episódio que marcou o meu estágio e que me fez refletir sobre esta restrição.

No dia anterior a este episódio, a minha editora Ana Candeias dirigiu-se a mim dizendo-me que no dia seguinte deveria estar na redação mais cedo do que o normal pois teria uma reportagem para fazer. A reportagem tratava da entrega de uma petição na Assembleia da República.

Já no dia de manhã, quando me preparava para sair e já com as cassetes na mão em direção ao carro do repórter de imagem, ele perguntou-me para onde era a saída. Depois de obter a minha resposta perguntou-me: “Então mas tu não és estagiária?”. Curiosamente fui à Assembleia da República mas antes tive de voltar para trás e dizer à minha editora que não podia entrar lá, por distração ou trabalho a mais, ela ficou admirada pelo facto de mo ter pedido e logo chamou a jornalista Ana Filipa Nunes, explicou-lhe a situação e como eu já tinha ido mais cedo por causa daquela peça, a jornalista chamou-me para ir na mesma com ela. Deixaram-me entrar com a jornalista dentro da Assembleia da República, mas ao invés de deixar a minha carteira profissional na entrada, apenas deixei o meu bilhete de identidade. A peça foi feita e as entrevistas também. Quando chegamos à redação, ambas fizemos a peça e no fim, em tom de brincadeira, a Ana Filipa Nunes disse “Hoje fui eu a estagiária!”.

Este foi um episódio que jamais esquecerei porque, para além de ter sido caricato, foi a primeira vez que entrei na Assembleia da República e, por fim, porque me fez refletir sobre o porquê de os jornalistas estagiários não o poderem fazer. Não houve nada que não conseguisse fazer, no entanto, sei que as medidas de segurança e burocráticas ditam para determinadas restrições.

Um estagiário quando entrevista um ministro na rua, não difere de quando lhe é autorizada a entrada na Assembleia da República para entrevistar um ministro depois

deste ter recebido uma petição. A problemática levanta-se quando nos referimos a estágios curriculares.

Durante um estágio profissional, o estagiário tem uma carteira profissional que lhe dá os mesmos direitos e os mesmo deveres do que qualquer outro jornalista. Com isto, percebe-se que um estagiário profissional durante o tempo de estágio possa desempenhar as mesmas funções do que um jornalista inclusive, e ainda referente também ao ponto anterior, assinar peças e entrar na Assembleia da República. Quando expus a minha experiência fi-lo com a intenção de demonstrar o quanto gratificante foi ter a oportunidade de entrar na Assembleia acompanhando a jornalista e deixando na entrada apenas um documento identificativo. Para exemplificar uma situação mais problemática: imaginemos que eu tinha entrado na sala de imprensa e que um jornalista com carteira profissional ou um ministro, por suspeita, me tinha abordado pela identificação ou se recusava a estar na sala com pessoas não qualificadas para a situação? Isso poderia trazer-me consequências graves, até porque mais uma vez, a minha situação é igual a um cidadão comum que não pode entrar na Assembleia, a não ser para a plateia destinada para esse efeito.

1.7. A passagem pela secção de *online*

A determinada altura do meu estágio e a pedido da editora Isabel Moicó, os estagiários de sociedade teriam que se revezar na secção de *online*. A minha passagem por esta secção durou cerca de duas semanas, mais especificamente, do dia 5 de dezembro até ao dia 23 do mesmo mês. Não foi muito tempo, é um facto, mas foi o suficiente para perceber que ali ninguém fica sem trabalho para fazer durante muito tempo.

Apesar da enorme satisfação de ter sempre o que fazer e, desde logo, perceber que seria um campo onde iria aprender imenso, sabia que o “senão” era nunca sair em

reportagem. Reservava-se-me um tempo de trabalho de “jornalista sentado”. Nesta secção, o método de trabalho era completamente diferente: faz-se ciberjornalismo.

O director da secção de *online* da TVI é o jornalista Filipe Caetano. Os profissionais trabalham com o canal por cabo TVI24 e com o site <http://www.tvi24.iol.pt/>. O site divide-se nas seguintes secções: - Últimas, Sociedade, Política, Economia, Internacional, Desporto, Tecnologia, Música, Cinebox, Celebidades, Acredite se Quiser e Opinião.

As minhas funções como estagiária eram fazer as “intros” da manhã ou da tarde para a TVI24 e fazer notícias e galerias de fotografias para o site noticioso <http://www.tvi24.iol.pt/>. O site funciona não só como uma extensão noticiosa do canal como também como um *website* com notícias elaboradas exclusivamente para a plataforma com produção diária de notícias escritas. Quando há a necessidade de uma saída em reportagem, por norma, são os jornalistas de televisão que assumem o trabalho, apenas por uma questão de subcarga de trabalho que a editoria de *online* tem.

A “intro”, como os jornalistas lhe chamavam, trata-se de reunir quatro fotografias sobre os acontecimentos de última hora encontradas na Reuters ou na Lusa, dar-lhes uma legenda como se fosse um título explicativo e, por último, adicionar um mapa, legendado também com a referência ao local específico, a cidade e o país em que ocorreu o acontecimento. Estas “intros” passariam então no fim dos telejornais da TVI24.

As notícias realizadas⁹ e, muitas vezes, impulsionadoras de fotogalerias sobre o assunto tratado, foram imensas ao longo do tempo que estive na secção de *online*. No entanto, apresento alguns títulos das minhas notícias¹⁰ destas duas semanas enquanto ciberjornalista estagiária:

⁹ As notícias apresentadas incidem sobre as secções do *site*: Acredite se Quiser, Internacional e Sociedade, porque eram as áreas em que os estagiários de *online* trabalhavam.

¹⁰ Encontra-se no Anexo 1 – Títulos das notícias realizadas na secção de *online* – com hiperligações localizadoras no *site* da tvi24.pt.

Acredite se Quiser:

- Menina apanhada a roubar os presentes do vizinho
- O pai Natal chegou às sardinhas
- Homem pré histórico já fazia queijo
- «Barbie humana» tem uma sócia
- Uma «lap dance» em troca de presentes
- Pónei viaja em comboio
- Esqueça o bacalhau: McDonalds aberto no Natal
- «Fim do mundo» vivido numa nave espacial
- Universitários criam clube sadomasoquista
- Pai Natal «manda-se» aos tubarões

Internacional:

- Uruguai aprova casamento entre homossexuais
- Conselheiro de Putin anuncia visita de Obama à Rússia
- Rainha Isabel II participa em conselho de ministros
- Miss Estados Unidos eleita Miss Universo
- Mãe em tribunal porque não quer que filho receba radioterapia
- Vulcão Tungurahua põe Equador em estado de alerta
- Pai Natal do Harrods obrigado a ter as mãos à mostra

Sociedade:

- Reforço alimentar está preparado para dois anos

- INE: há 4,1 médicos por cada mil habitantes
- Viviam com água de poços, agora veio o «euromilhões»
- «Pai Natal» da Via do Infante vai de bicicleta a casa de Cavaco
- PSP apanha assaltante escondido atrás da porta de casa

De referir que as peças acima destacadas assim como todas as outras realizadas ao longo do tempo que estive na secção *online* não podiam ser assinadas, a exemplo do que acontecia na secção de sociedade. No entanto, para uma mais fácil comunicação interna por parte dos jornalistas da secção, sempre que encontrassem algum erro ou considerassem necessário fazer algum outro tipo de correção, os estagiários colocavam apenas as iniciais do primeiro e do último nome. No meu caso, FD.

Estas notícias eram distribuídas pelo jornalista responsável, naquele dia, de “dar trabalho aos estagiários”. Em causa estavam notícias que na sua maioria eram provenientes da Reuters, da Lusa ou de outros *sites* noticiosos estrangeiros, que quando vindas noutras línguas teriam, numa primeira fase, de ser traduzidas e só então posteriormente tratadas. Como podemos perceber a partir dos títulos apresentados na secção *online*, a TVI aposta em títulos “chamativos” para, segundo os jornalistas da secção, obter o maior número de visitas pelo público. Uma questão que coincide com o que tratarei mais à frente sobre as fragilidades do jornalismo – sensacionalismo.

O tempo que lá estive fez-me refletir sobre a utilidade que esta secção tem para todo o resto da redação. A reflexão e a observação desse facto é a razão que me leva, na segunda parte deste relatório, a dar maior atenção ao ciberjornalismo, uma forma comunicacional através da internet, mais rápida e com uma capacidade interativa incomparável ao do jornalismo televisivo tradicional. A emergência do ciberjornalismo é uma realidade que faz frente ao jornalismo feito pela televisão, no entanto, quando juntos, como é no caso da TVI, funcionam como um bem maior. Esta é uma questão que explorarei mais amplamente no ponto 2.3. A emergência do ciberjornalismo.

1.8. O fim do estágio e os conhecimentos adquiridos

Com o estágio de quatro meses quase a terminar, a sensação era a de que, no momento em que havia mais trabalho é que me ia embora. Neste período do estágio já éramos poucos estagiários, muitos já se tinham ido embora, o que significava menos pessoas para o mesmo trabalho. Nas duas últimas semanas foi a correria total por causa das peças de natal e de passagem de ano.

O fim do estágio deixou-me um sentimento um pouco estranho. Se, por um lado, estava feliz por chegar ao fim daquela etapa, por ter aprendido tanto, por ter trabalhado e por ter conhecido pessoas que se mostraram sensíveis sempre que lhes colocava alguma questão ou alguma dúvida; por outro lado, o sentimento reproduzia uma certa insatisfação por ter querido mais, por me deparar com uma realidade jornalística, muitas vezes, algo sensacionalista e sem grandes preocupações de confirmação, por ter sentido que, por parte das editoras, nem sempre houve preocupação com a nossa situação, em particular nos dias em que não nos era dado trabalho.

O estágio foi, sem dúvida, uma realidade que só estando nela se percebe a dimensão de um trabalho jornalístico.

A opinião formada por muitas pessoas em relação à informação da TVI, considerando-a exagerada, sensacionalista e autopromocional, não está de todo errada, mas dentro dela estão grandes profissionais que passam por entre as linhas editoriais deontologicamente menos corretas. Estagiar numa entidade, por vezes, polémica teve uma lição muito grande para a minha formação, porque assim aprendi, por um lado, o que fazer e, por outro lado, o que não fazer.

Foi uma experiência enriquecedora pelos bons e pelos maus motivos, pois a informação que nos chega é da nossa responsabilidade, enquanto futuros jornalistas, filtrá-la e perceber o que tirar das variadas situações.

Destes quatro meses marcaram-me as saídas em reportagem, as reportagens que mais gostei de fazer e que me deixaram trazer para casa, os ensinamentos dos bons profissionais, o trabalho de redacção e as emoções vividas neste espaço de tempo que agora parece que passou a correr.

1.9. Síntese

Nesta primeira fase, o meu Relatório incidiu no meu estágio, enquanto experiência que me deu a possibilidade de trabalhar no campo informativo da televisão. Por outro lado, procurei dar a conhecer a redacção informativa da TVI. Até aqui foram apresentados os momentos mais importantes enquanto estagiária e também foi esclarecido o tipo de funções exercidas por um estagiário na redacção em causa.

O objectivo do trabalho elaborado até então foi reflectir um estágio que me deu a conhecer diretamente uma televisão, os seus programas informativos, as suas fragilidades e o jornalismo exercido dentro desta “casa”. Foi possível, ainda ao longo destes quatro meses, perceber a dependência que tanto o jornalismo televisivo como o ciberjornalismo têm das agências noticiosas: no que se refere à TVI, da Reuters e da Lusa.

Como é possível perceber, há um retrato a partir da minha observação e da rotina de trabalho durante os quatro meses de estágio na redacção da TVI, mais em concreto nas secções de sociedade e de *online*. Esta primeira fase funciona ainda como uma rampa de lançamento para o tratamento de temas como os que surgirão no capítulo a seguir, inteiramente relacionados com o nome deste Relatório, Jornalismo Televisivo em Tempos de Crise.

2. Jornalismo Televisivo em Tempos de Crise

Ao longo desta segunda parte do meu Relatório pretendo explorar temas com os quais tive oportunidade de ter contato durante o estágio na redação de informação da estação televisiva, TVI. É minha intenção aplicar o meu saber enquanto aluna da área da informação e, ainda, através do auxílio de vários autores fundamentar determinadas questões que se levantaram ao longo desta viagem de quatro meses pelo mundo da informação televisiva.

Quero realçar que o grande tema Jornalismo Televisivo em Tempos de Crise refere-se à informação jornalística que mostra, a partir das suas características, determinadas fragilidades e que cada vez mais se vê obrigada a competir com outros meios de comunicação, com outros avanços da tecnologia e, em simultâneo, responder às necessidades informativas do público.

2.1. O jornalismo televisivo

Após o aparecimento do cinema, a informação começou a ser transmitida a partir de filmes que continham conteúdo informativo demonstrando assim as suas capacidades de transmissão de informação. Chegada a televisão e, com ela, o seu imediatismo em imagens, as “notícias de cinema” foram perdendo créditos devido ao facto de a notícia ser transmitida pelas televisões de forma mais rápida e atual. Outra razão foi a televisão oferecer outra proximidade: ver notícias em casa. Inicialmente, o jornalismo televisivo assumia o formato da rádio, com notícias lidas, mas, desta vez, para uma câmara.

Desde logo, se percebeu que era necessário haver um apresentador de notícias, o pivô. Em Portugal, o primeiro telejornal deu-se no dia 18 de outubro de 1959 apresentado por Mário Pires, na RTP. Uma fase em que o jornalista tinha um telefone

ao seu lado e que caso este tocasse, atendia para receber notícias de última hora. Hoje, a realidade do jornalismo televisivo pouco se assemelha a esses tempos: a tecnologia e a inovação trouxeram ferramentas indispensáveis para que este se tornasse no “quarto poder”.

O jornalismo televisivo é o desempenhar da profissão do jornalismo para a televisão, ou seja, da mesma forma que noutros tipos de meios de comunicação como o ciberjornalismo, o jornalismo impresso e o jornalismo radiofônico há características próprias, no jornalismo televisivo, a informação é tratada de maneira a que, de melhor forma, se enquadre nas características de transmissão ao público. Na televisão, a informação é transmitida a partir do som e da imagem, contando com a apresentação/narração de um jornalista (o pivô) e que, por sua vez, dará também a introdução à notícia que irá entrar no ar, realizada por outros jornalistas e colegas de trabalho.

2.1.1. A reportagem

O jornalismo televisivo como já havia referido numa primeira introdução, possui inúmeras características específicas que o tornam tal como o vemos através da televisão. Devido à minha experiência pessoal durante o estágio, neste ponto, dou ênfase à questão da reportagem, por ter sido o mote para este trabalho final e por considerar que seja também uma potencialidade do jornalismo televisivo.

Segundo Jean-Jacques Jaspers há quatro tipos de reportagem:

- 1) Reportagem de atualidade – este tipo de reportagem apontado pelo autor retrata acontecimentos que acabam de se produzir e os quais serão noticiados no próprio dia ou para uma data breve. Assim sendo, a reportagem de atualidade dificilmente se acomoda com uma preparação exaustiva por parte do jornalista. Só se confiará assim este tipo de reportagem a um jornalista que conheça bem a

matéria. Este tipo de reportagem consiste em imagens que ilustram o acontecimento, em entrevistas de testemunhos e/ou peritos e posteriormente em realizar uma montagem que “jogue ” com o material recolhido (JESPERS, 1998: 167). O autor refere ainda que o melhor fio condutor deste tipo de reportagem é fazer uma narração na primeira pessoa contando o que se viu e/ou verificou, dando também a palavra às testemunhas. Interessa que a reportagem de atualidade se situe num contexto mais geral, quer na apresentação que é feita quando está a ser difundida, quer durante a própria reportagem (JESPERS, 1998: 168).

2) Grande reportagem – tal como refere o autor: “(...) *consiste na composição sob forma de um vídeo ou de um filme, de uma série de informações respeitantes a um acontecimento particular, da atualidade, ou a um fenómeno particular da sociedade, numa mensagem real de uma certa duração*” (JESPERS, 1998: 168). O autor acrescenta ainda que a grande reportagem pode ser tópica, ou seja, concentra a atenção sobre uma situação, um fenómeno ou um acontecimento determinado; ou intensiva, apontando para os assuntos em profundidade e aborda várias questões. A grande reportagem faz uma narração mais intensivamente de casos ou grupos particulares, enquanto eles representam a premissa da sua mensagem. A elaboração deste tipo de reportagem, segundo o autor, respeita três unidades: a unidade de lugar - num único lugar, claramente identificável através de elementos de cenário; a unidade de tempo - num tempo definido; e a unidade de ação - à volta da ação de um número restrito de personagens, as mesmas durante toda a reportagem. Nesta reportagem, a acção das personagens pouco numerosas e claramente identificadas, com as quais o espectador se familiariza e querera conhecer, deve ser realçada. O fio condutor desta reportagem deve possibilitar o jornalista de tratar o maior número possível de questões ligadas à situação ou ao fenómeno do qual se quer dar conta (JESPERS, 1998: 169). O autor disserta ainda sobre a preparação da grande reportagem referindo-se aos seguintes pontos: 1. O jornalista reúne o máximo de documentos sobre a mensagem que quer transmitir; 2. Uma visita de preparação no local; 3. O jornalista deve estar pronto a modificar o seu ângulo de ataque, o

seu ponto de vista de partida, em função das informações recolhidas no local; e

4. Acontece que qualquer elaboração da reportagem ou da sua premissa seja impossível quando a partida é decidida à pressa, sem prazo de preparação (JESPERS, 1998: 171).

3)Inquérito – este tipo de reportagem, tal como identifica o autor, trata-se de uma reportagem explicativa ou de investigação que sintetiza numa mensagem real a mensagem virtual relativamente complexa sobre determinado assunto de interesse público de carácter social, económico, jurídico, ecológico ou da vida quotidiana. O autor diz que a elaboração da mensagem virtual e da premissa não diferem muito das da grande reportagem, as técnicas de mediação é que serão mais variadas, neste tipo de reportagem pretende-se ir ao fim de tudo o que se pretende saber, não se tratando apenas das três unidades da grande reportagem (tempo, lugar, ação). (JESPERS, 1998: 172). A preparação do inquérito começa pelo trabalho de investigação jornalística, elaborando um dossier sólido com base nas fontes e nas provas escritas e/ou orais. A escrita será centrada na articulação de todo o material relevante recolhido. Posteriormente há a recolha de documentos ilustrativos para enriquecer a narração. Com esta variedade de meios icónicos é preciso ter em conta que o fio condutor apresente uma grande coerência para que não haja confusões por parte do espetador (JESPERS, 1998: 174).

4)Documentário de criação – neste tipo de reportagem enumerado pelo autor, difunde-se a visão única, original, pessoal sobre a realidade. É uma obra de autor que difunde em que a escolha da premissa e a elaboração da mensagem real são definidas, estruturadas por um pensamento e uma estética particulares. O documentário de criação fala na primeira pessoa e demonstra a sua subjectividade. Este tipo de reportagem desenvolve-se numa certa lentidão e duração. O autor refere ainda que a descrição deve ser verificada e os juízos errados dos intervenientes devem ser corrigidos, sendo que a subjectividade do olhar não pode ser confundida com a intoxicação ou caricatura (JESPERS, 1998: 175).

O poder da imagem é uma das maiores forças que a reportagem do jornalismo televisivo possui. Quando Jean-Jacques Jaspers se refere à imagem televisiva fê-lo, na minha opinião, da forma mais clara:

“A reportagem televisiva recorre essencialmente à imagem. É por isso muitas vezes tributária desta predisposição da imagem para exprimir a emoção ou o afeto mais do que os conceitos racionais. Uma imagem pode facilmente sensibilizar um público, chamar a sua atenção para uma questão e potencialmente mobilizá-lo. Poderá também contribuir para aumentar os seus conhecimentos, mas à custa de um trabalho de elaboração mais complexo do argumento e da realização, para além da emoção primária” (JESPERS, 1998: 166).

A imagem trouxe a possibilidade de ilustrar a reportagem, no sentido em que na parte do *off* do jornalista este é acompanhado por captações feitas pelo repórter de imagem desse mesmo acontecimento. Esta capacidade da televisão ajudou-a a tornar-se naquilo que é hoje.

Grandes momentos da história captados tanto em direto como mais tarde mostrados em reportagem fazem parte da memória de muitos telespetadores do mundo atual: o trágico ataque terrorista de 11 de setembro é um dos melhores exemplos disso.

O mais comum é as imagens ilustrarem o voz-off do jornalista. Este redige um texto tendo em conta as imagens, contextualiza e fornece a informação acompanhando-a pela imagem. Quando falamos numa reportagem apenas com a presença de imagens, isto significa que elas são capazes de transmitir muita informação por si só. No entanto, esta é uma questão que carece de alguma reflexão. O canal da Euronews no “no comment” aposta em reportagens apenas de imagem. O canal explica que:

“No canal euronews, acreditamos na inteligência humana e achamos que a função de um canal de informação é dar matéria suficiente a cada indivíduo para que crie a sua própria opinião sobre o mundo. Consideramos também que há imagens que não têm necessidade de explicação ou de qualquer comentário. Por isso criámos No Comment e depois No Comment TV...”

Uma reportagem que penso ser pertinente mencionar como exemplo do “No Comment” é a “Batalha de tomates em Buñol”. Em 58 segundos de imagens, percebemos o que se passa na vila de Bunõl, a conhecida “Tomatina”. Uma guerra de tomates entre milhares de participantes que deixam as ruas completamente tingidas pela cor do fruto e pela alegria da diversão.

Eu quando vi a reportagem percebi o que se passava. A questão que coloco é mas será que uma pessoa do outro lado do mundo iria perceber como eu? Poderia achar que se tratava de uma manifestação! A velha expressão “as imagens falam por si” não é tão clara como parece. Para as imagens falarem por si e nós como telespetadores as percebermos tem de haver um acesso prévio ao contexto do acontecimento. Todos os anos, em Portugal, a “Tomatina” aparece nos noticiários. Esta tradição ainda que fora das nossas fronteiras, é uma visita anual através das televisões de nossas casas. Fala-se dos gastos desta tradição, fala-se da quantidade de pessoas que aderiram a esta “guerra vermelha” em Valencia, Espanha, etc. Estamos familiarizados com este acontecimento.

Ao longo do estágio pude perceber a importância da imagem para a realização do meu trabalho e é por essa razão que dou maior destaque, já no fim deste ponto a essa característica da reportagem. Foram referidas peças que realizei e que as imagens foram essenciais para o bom desempenho do meu trabalho. Em caso de não haver boas imagens para ilustrar a peça, boas imagens de corte, imagens do entrevistado a falar, então o meu trabalho deixaria de ser uma reportagem para ser um *off* lançado com a informação e ilustrado com imagens de arquivo disponibilizadas pela mediateca da TVI.

Quando falamos em reportagem, esta pode não ser necessariamente sobre um assunto atual, no entanto, ela terá de ter uma razão noticiável, ou seja, pelo menos um valor notícia – palavra do campo jornalístico que trato no ponto que se segue.

2.1.2. O que é noticiável

Como já foi referido, esta é uma questão que é bastante discutível, principalmente quando pelo meio se encontra ainda outra questão, a linha editorial de informação da redação em causa. No entanto, já muitos foram os estudos e dissertações acerca desta matéria.

Para dar início ao desenvolvimento deste ponto penso pertinente citar as palavras de Nelson Traquina:

“A visão negativa do mundo criada pelos jornalistas tem as suas raízes nos valores notícia que os profissionais do campo jornalístico utilizam na selecção dos acontecimentos do mundo real e na construção das «estórias» que contam sobre a realidade. Os valores notícia são um elemento central da cultura jornalística (...)”
(TRAQUINA, 2004: 95).

Os valores notícia segundo Nelson Traquina:

1. Valores notícia de seleção – os critérios substantivos: a morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, inesperado, conflito/controvérsia e escândalo.
2. Valores notícia de selecção – os critérios contextuais: disponibilidade, equilíbrio, visualidade, concorrência e o dia noticioso.
3. Valores notícia de construção – simplificação, amplificação, relevância, personalização, dramatização e consonância.

Como podemos analisar, o autor faz uma separação dos valores notícia que incidem na seguinte explicação:

Os valores notícia de selecção – os critérios substantivos – são os que pertencem a uma avaliação direta dos acontecimentos relativamente ao seu interesse e à sua importância.

Os valores notícia de selecção – os critérios contextuais – são os que pertencem ao contexto de produção da notícia, o que deve ter maior visibilidade na notícia ou não.

Os valores notícia de construção – são os que pertencem aos critérios de selecção que ditam se determinados elementos do acontecimento se justificam na abordagem da notícia.

Esta separação entre os valores notícia, proposta por Nelson Traquina ajuda-nos, de certo modo, a perceber a seguinte questão: parte do jornalista/redacção decidir se determinado acontecimento tem ou não valor notícia para ser noticiável; decidir o que dentro da notícia deve ter maior ou menor relevância; e ainda decidir o que deve ou não (dentro da informação tirada deste acontecimento) ser noticiado.

Os valores notícia fazem, como referi anteriormente, parte dos valores do trabalho dos jornalistas. São o que determinam que um determinado acontecimento seja notícia.

Outra questão que tive oportunidade de vivenciar ao longo do meu estágio e que está inteiramente ligado a este ponto é o facto de um acontecimento poder ter vários valores notícia. Nelson Traquina dá um exemplo que penso ser o que melhor descreve esta situação:

“Na terça-feira de tarde do dia 11 de setembro de 2001, um zapping de todos os canais televisivos com espaços informativos disponíveis em Portugal escassos minutos do embate do primeiro avião na torre Norte do World Trade Center, exactamente às 14:00 horas, dava conta da partilha dos mesmos critérios de noticiabilidade entre jornalistas de diversas nações (Portugal, Estados Unidos, França, Espanha, Grã-Bretanha, Alemanha, etc.): em destaque no pequeno ecrã a mesma cena, o mesmo local: World Trade Center em chamas até ao desmoronamento das duas torres. Tinha rebentado um «mega acontecimento»: um inesperado, um insólito, um violento ataque

que iria destruir os edifícios e provocar a morte a mais de três mil pessoas. Nem tudo o que figura no mundo jornalístico é rutura, mas este «mega acontecimento» reúne diversos valores notícia da cultura jornalística – o violento, o inesperado, o insólito e um número significativo de vítimas – para conquistar um lugar privilegiado na agenda jornalística” (TRAQUINA, 2004: 120).

Em suma, não existe notícia sem valores-notícia, ou pelo menos não deveria de existir, como mais à frente verificaremos, a propósito das notícias autopromocionais. Sabemos, no entanto, que a questão dos valores-notícia está inteiramente relacionada com o contexto em que vive a sociedade e qual a importância de determinados assuntos e sentimentos para essa mesma sociedade.

Num estudo realizado pela OberCom¹¹ em 2010, “Desafios do Jornalismo 2010”, com base em dados recolhidos de jornalistas da imprensa, da rádio e da televisão (212 respostas), obtiveram-se vários resultados, entre eles, sobre “O Estatuto Percebido do Jornalista”. Quando interrogados sobre o papel que hoje é atribuído ao Jornalista, a maioria dos inquiridos considera ser a opção “transmissor de acontecimentos” (51,4%). No entanto, muitos consideram-se “intérpretes da realidade (29,3%). Por fim e com uma percentagem menos representativa estão aqueles que associam o papel de jornalista como o porta-voz do cidadão comum ou à defesa de causas consideradas justas (OBERCOM, 2010: 9).

Na minha opinião, estes dados dão a conhecer um pouco da confusão existente na conceção de jornalista. Ainda que 51% tenho respondido que a sua função é transmitir acontecimentos/notícias, ou seja, mais de metade dos jornalistas, quase outra metade ainda não percebeu que esta é a função que melhor se atribui ao jornalista profissional. A partir dos valores-notícia, identificar o que tem noticiabilidade e transmitir.

¹¹ Observatório da Comunicação (OberCom) é uma entidade com forte presença na análise da revolução digital em curso e das suas possíveis aplicações em múltiplas frentes.

2.1.3. A internet no jornalismo televisivo

A internet começou a divulgar-se em escala mais alargada durante a década de 90 do século XX e em menos de 10 anos transformou-se num meio massivamente disseminado (FIDALGO, 2008: 166).

Hoje em dia e numa altura em que a capacidade de dar informação o mais rápida possível é uma força iminente, o jornalismo dispõe de ferramentas de trabalho que são inegáveis. A internet é uma delas. Faz parte do jornalismo televisivo e sem a internet, provavelmente, não haveria tanta informação disponível para dar nas notícias ou até mesmo tantas notícias para dar. O autor João Canavilhas chega mesma a referir que:

“A Internet provocou alterações profundas no campo do jornalismo. Apesar do fenómeno ser muito recente, cedo se percebeu que a Internet fornecia um conjunto de funcionalidades de grande importância para a melhoria do trabalho jornalístico e, por isso, o recurso à Internet passou a fazer parte indissociável das rotinas dos jornalistas” (CANAVILHAS, 2004: 2).

A internet com a sua capacidade de chegar a toda a parte do mundo de forma rápida deu ao jornalismo televisivo uma maior capacidade também de obter informação sobre tudo e a qualquer hora. Esta foi uma situação vivenciada por mim durante o estágio. Nem sempre a informação disponibilizada pelas agências noticiosas se revelaram suficientes, pelo que se impunha a pesquisa imediata na internet, onde encontrava rapidamente o que precisava para então a seguir montar um *off* ou uma peça.

É de referir que a internet trouxe tanto a rapidez na recolha de informação, bem como outra forma de contactar as fontes. A existência da internet nas redacções televisivas transformou o trabalho dos profissionais de televisão. João Canavilhas estudou, em 2004, de que forma os jornalistas portugueses utilizam a Internet. Este estudo obteve 81 respostas provenientes de jornalistas da televisão, da imprensa e da rádio. Os resultados do estudo quanto aos profissionais de informação de televisão são:

- Procurar Informação: 96%
- Ler/Enviar correio electrónico 92%
- Obter dados actuais 84%
- Contactar fontes 44%
- Formação 32%
- Divertimento 28%
- Identificar peritos/Especialistas 12%

Como podemos verificar, pelas percentagens apresentadas pelo estudo realizado por João Canavilhas, há uma grande dependência por parte do jornalismo televisivo em aceder à internet pelas mais variadas razões dentro do campo de trabalho noticioso. Assim, podemos concluir ainda que a internet se tornou numa ferramenta indispensável para o jornalismo em geral.

Por fim, gostaria ainda de tocar numa questão que penso ser pertinente devido ainda à experiência como estagiária na TVI. Quando se trata imediatismo e o rápido acesso à internet é uma das soluções para se perceber o contexto do acontecimento, não só em *sites* explicativos bem como noutros sites noticiosos. Porém, aconteceu deparar-me com informação contraditória em espaços diferentes. Esta é uma realidade que, por si só, traz problemas ao bom desempenho da função de informar. Ainda dentro de todas as soberanas qualidades e potencialidades da internet é necessário que o jornalista pesquise de forma a comparar informações e a partir do seu filtro jornalístico perceber o que de facto está correto e, se necessário, confirmar de outras formas.

2.2. As fragilidades do jornalismo televisivo atual

Quando falamos das fragilidades do jornalismo televisivo atual estamos desta forma a tocar num ponto bastante importante deste trabalho sobre o Jornalismo Televisivo em Tempos de Crise. Guardei especialmente para este momento o tratamento

daquelas que achei serem as fragilidades dentro da redação de informação onde estagiei, bem como, a partir da minha pesquisa pessoal sobre as redações informativas da televisão em geral.

Quando uso o termo fragilidade, quero com isso dizer que me refiro a uma característica, tendência ou uma mudança exterior, que coloca a credibilidade da informação em causa, tanto ao nível do desempenho dos jornalistas como do jornalismo em geral.

Nesta parte trataremos dois pontos que iremos explorar mais à frente: as audiências e o sensacionalismo. No entanto, o que queria referir nesta primeira introdução é que estes pontos, quando analisados mais aprofundadamente podemos perceber que funcionam numa relação de causa-efeito.

Os meios de comunicação são também eles responsáveis direta ou indiretamente por muitas transformações sociais e políticas na nossa sociedade. São eles quem dão a conhecer às pessoas a realidade do país. Assim sendo, quando encontramos notícias sensacionalistas que têm como principal atenção as audiências devemos-nos questionar até que ponto, os meios de comunicação seguem a objetividade quanto ao tratamento da informação dos acontecimentos, se passam uma informação de qualidade e de interesse público.

2.2.1. As audiências, a qualidade e o interesse público

O tempo que estive a estagiar na TVI fez-me perceber que os valores das “audiências” têm uma importância absolutamente enorme dentro de uma redação de informação. Vender notícias é a chave do sucesso. Esse *feedback* é-nos passado a partir do sistema de contagem das audiências, dando-nos regularmente a posição de preferência dos telespectadores comparativamente a outros telejornais. Uma boa

colocação no *ranking* das audiências significa também um bom posicionamento no mercado da publicidade. Assim sendo e como refere o autor Carlos Camponez:

“A importância de determinar um número de leitores e os públicos está na base dos mecanismos de controlo de tiragem e audiências. De facto, a apetência das agências de publicidade na escolha de divulgação das suas mensagens assenta, entre outros fatores, numa análise do tipo e do número de audiências de cada medium” (CAMPONEZ, 2011: 197).

Como já havia referido anteriormente, fiz uma reportagem sobre as nomeações aos Emmy em que uma novela da TVI estava nomeada e que o seu elenco estava de malas feitas para Nova Iorque. Nesta fase do meu trabalho gostaria de explorar duas questões, quanto a esta peça: a da publicidade e a das audiências. Notícias como as que acabo de referir são exemplo de como elas surgem para satisfazer interesses financeiros, e da autopromoção, com vista a aumentar as audiências e os lucros.

Também é de referir que este tipo de notícias, muitas vezes, tira o lugar a outras com um maior conteúdo informativo. Ou seja, notícias autopromocionais, geradoras de mais audiência e conseqüentemente de publicidade fazem parte do alinhamento, deixando para trás outras notícias que não têm as mesmas capacidades de audiência mas que são mais importantes quando falamos em valores-notícia e interesse público. No entanto, penso ser pertinente mencionar que na Lei da Televisão o Artigo 8.º - Tipologia de serviços de programas televisivos também refere que:

“4 — Os serviços de programas televisivos temáticos de autopromoção e de televenda não podem integrar quaisquer outros elementos de programação convencional, tais como serviços noticiosos, transmissões desportivas, filmes, séries ou documentários.”

Desta forma, pode-se concluir que ainda que a notícia por mim trabalhada se refira à “partida do elenco da telenovela em direcção aos Emmy e a sua nomeação” seja fundamentada como notícia de atualidade, novidade e/ou relevância, sabemos que o seu verdadeiro significado no alinhamento traduz-se em publicidade à telenovela da própria

estação e, conseqüentemente, autopromoção. Se tivesse havido outra notícia posterior sobre o facto de estes actores terem voltado sem terem ganho o prémio, ainda poderia pensar de outro modo, mas, do meu ponto de vista, foi claramente uma questão de publicidade à ficção da TVI que esteve em causa. Este tipo de notícias é recorrente nesta estação, já desde o tempo do “Big Brother”¹², em que a transmissão do telejornal anunciava a entrada dos concorrentes para a casa do novo *reality-show*, e inclusive mostrava o percurso feito pelos concorrentes desde a redacção onde eram entrevistados até à casa, onde iria decorrer o concurso.

O alinhamento do telejornal é determinado por vários fatores, entre eles, os que se ligam diretamente às audiências, são:

- Público alvo - é preciso perceber quem são os telespetadores;
- Concorrência entre outras transmissões de telejornais – o que é que os outros canais estão a transmitir;
- Conteúdos – com eles oferecer notícias que se enquadrem no tipo de audiência do canal.

No alinhamento de telejornal, a TVI, por norma, oferece desde início uma notícia de impacto, ou seja, cria desde logo uma maior proximidade com o telespetador, uma maior familiaridade. Por trás desta imagem de “pelo povo” e de “juntos criamos a sua televisão”, a TVI tem, como qualquer outra estação de televisão, o objectivo de ver crescer os seus lucros enquanto empresa.

Como estagiária apercebi-me que os interesses comerciais predominavam, muitas vezes, ao invés dos critérios jornalísticos e, conseqüentemente, a qualidade da informação era posta em causa no sentido em que o interesse público era substituído pelo interesse *do* público. Como refere Felisbela Lopes:

“(...) é costume opor interesse público ao interesse do público, querendo significar com a primeira designação aquilo que importa saber e com a segunda aquilo

¹² O Big Brother foi um *reality-show* cujos direitos para Portugal foram vendidos à TVI.

que agrada às audiências, circunscrevendo-se a um certo voyeurismo” (LOPES, 2008: 115).

Quando uma empresa analisa as audiências e se apercebe qual o tipo de informação que tem maior adesão então há uma maior aposta nesse tipo de conteúdos. Obviamente que um jornalista bem formado deontologicamente sabe que estas decisões não fazem parte das boas práticas da sua profissão e é aqui que há o choque entre os jornalistas e a hierarquia. Nesta linha de pensamento, penso oportuno citar as palavras de Fernando Correia acerca desta questão:

“Este facto reflete a nova hierarquia de poderes na sociedade: o poder político passou a estar subordinado ao poder económico, e os media (...) não detêm senão um poder delegado, concedido e gerido pelo poder económico dominante (...)” (CORREIA, 2006: 112).

No estudo já mencionado anteriormente, “Desafios do Jornalismo 2010” a OberCom questionou os jornalistas tanto de imprensa como da rádio e da televisão sobre o grau de concordância de certas afirmações chegando às seguintes conclusões: é de referir a ideia presente nas respostas de que os critérios jornalísticos em uso privilegiam as emoções (59,3%) e que a concorrência e as audiências se impõem à relevância jornalística dos acontecimentos (79,3%).

Quando estas questões são colocadas a um cidadão comum, naturalmente que a sua resposta terá valor, ou seja, trata-se da opinião pública. Neste estudo em concreto, são os jornalistas, “peritos na área”, que respondem e que como bons entendedores deste campo em específico, a sua palavra pesa mais. É por esta razão que penso que estes números são de ter em conta e considero-os preocupantes. O próprio jornalista diz que a relevância jornalística é posta em causa para dar lugar ao que produz audiências. Quem melhor do que um jornalista para dizer se uma peça tem ou não uso de emoções e que as audiências dão relevância ao que menos importa de um determinado acontecimento?

O imediatismo é uma característica do jornalismo em geral, é a capacidade de transmitir as notícias em primeiro lugar, de forma imediata. No entanto, esta é uma característica potenciadora também do aumento de audiências, o primeiro a transmitir a novidade durante o momento de *zapping*¹³, será onde o telespectador irá assistir. No entanto, gostaria de mencionar que vejo a questão do imediatismo a partir de dois prismas:

- se por um lado enriquece o jornalismo televisivo visto trazer rapidamente às pessoas o atual, muitas vezes a notícia acabada de sair quando o acontecimento ainda está a decorrer.
- por outro lado, quando este imediatismo tem de ser realizado por um jornalista não conhecedor da matéria em causa e sem tempo para utilização de outros meios de pesquisa, o jornalismo torna-se menos credível. O sair da redação a correr, a falta de pesquisa, o desconhecimento de pormenores e do contexto leva a que sejam cometidos erros grosseiros e fornecer aos telespectadores um mau produto final. Se durante o fim de semana, que é quando há menos jornalistas na redação, houver três situações em que são necessários três jornalistas de política e só houver um, por norma, os de sociedade (que são mais) substituem-nos. Se nesta situação houver a necessidade de cobrir o acontecimento de forma imediata, naturalmente que os jornalistas de sociedade não têm a mesma preparação que os seus colegas de política, que habitualmente tratam destes assuntos. Assim, em caso de acontecimentos não previstos, a probabilidade de haver erro é muito maior.

Em suma, qualquer empresa que sobreviva a partir de um recetor irá certamente estudá-lo e conseqüentemente tentar responder às suas expetativas. No entanto, quando se trata de “vender” jornalismo tem de se ter em conta que a palavra “vender” não vem só. Por essa razão, existem o Estatuto do Jornalista, o Código Deontológico do Jornalista e o Sindicato dos Jornalistas que, por sua vez, salvaguardam os direitos e deveres do jornalista e da profissão.

¹³ *Zapping*: mudança rápida e repetidamente de canal televisivo.

2.2.2. Sensacionalismo – consequência de uma causa

Após tratar a questão das audiências e com base na minha experiência de estágio, julgo pertinente abordar agora a questão do sensacionalismo como uma consequência das audiências. Deparei-me várias vezes com o “contornar” de determinados valores da profissão, para que as notícias concorressem ao pódio das audiências.

O sensacionalismo é o aumentar das emoções e da polémica em volta de um determinado acontecimento. Nos dias que correm, já se encontra como uma espécie de linha editorial que determinada redação assume para aumentar as audiências televisivas.

O sensacionalismo encontra-se não só na forma da notícia, mas também na forma como a notícia é apresentada, nomeadamente o enfâse que o jornalista dá durante a sua locução. Pode estar ainda presente na apresentação visual, ou seja, nas imagens da peça. Os casos do uso exacerbado do sensacionalismo e uso de sentimentos à flor da pele são inúmeros e bastante conhecidos em Portugal, exemplos disso, Casa Pia, Ponte Entre os Rios, Arrastão, Morte de Fehér, Madeleine McCann, entre outros.

Segundo o Código Deontológico do Jornalista¹⁴, existe um ponto que se dirige a esta questão: “2. *O jornalista deve combater a censura e o sensacionalismo e considerar a acusação sem provas e o plágio como graves faltas profissionais.*”

Na minha opinião, o sensacionalismo é uma realidade que afeta a televisão portuguesa. Não me refiro claro à totalidade do conteúdo produzido durante um telejornal.

O jornalista foi formado para fazer e transmitir peças em que o conteúdo se aproximasse o mais possível à realidade. Não lhe compete intervir a fim de provocar o acontecimento, de o manter ou reforçar (JESPERS, 1998: 63).

¹⁴ Código Deontológico do Jornalista aprovado a 4 de maio de 1993.

As notícias sensacionalistas aumentam as audiências, o consumidor final é o mais prejudicado no fim de contas. Este telespetador irá receber a informação, ainda que verdadeira, dando-lhe uma importância que não corresponde à realidade. Desta forma, penso que o telespetador também deve assumir um papel menos passivo e mais crítico sobre a informação que recebe. Quanto a esta questão passo a citar as palavras de Francisco Rui Cádima, professor no Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa, e ainda autor da primeira tese de doutoramento sobre a televisão em Portugal. Diz-nos ele:

“Sendo certo que o dispositivo da TV generalista, na sua lógica de interação com as grandes audiências e a sua sobrevivência aos peopes-meters, não é compaginável nem com a dimensão educativa nem cultural, menos ainda com virtude civil, importará pensar quais as modalidades e as ações que poderão contribuir para que a TV generalista seja mais um apelo ao mundo da vida e à experiência da Cidadania e menos uma concessão soporífera pós-laboral. E se aproxime mais da ciência, da Cultura e do Conhecimento e menos dos desvarios do infotainment, da violência gratuita, do sensacionalismo e do fait-divers.” (CADIMA, 2006: 29).

O autor do livro *A Televisão Light*, sustenta que este *media* funciona como um soporífero que alimenta a figura domável do telespetador passivo.

Enquanto o telespetador vê uma notícia sensacionalista está a contribuir para que os poderes hierárquicos das redações percebam através das audiências que aquela linha editorial é consumida. O sensacionalismo poderia acabar, mas só se as pessoas “se proibissem” de ver este tipo de tratamento informativo. No entanto se em termos lógicos seria expectável que assim fosse, já na realidade penso ser uma espécie de utopia porque, no fundo a nossa sociedade mostra cada vez mais uma tendência para aceitar e, inclusive, gostar deste “telelixo” como o autor lhe chama.

2.3. A emergência do ciberjornalismo

Como referido anteriormente no ponto 2.1.3., a internet veio trazer grandes mudanças na vida profissional do jornalismo televisivo. Que como refere o autor Joaquim Fidalgo:

“(...) trouxeram uma agilidade nunca antes vista, no que toca à produção e edição de materiais e serviços informativos, à integração de diferentes géneros, formatos e suportes, e ainda à diversidade de figurinos de distribuição, receção e uso. A novidade maior deste período, no que toca às modalidades de apresentação e difusão de informação jornalística, foi a autêntica explosão das publicações online, como versões complementares dos media tradicionais, quer como meios próprios funcionando exclusivamente no ciberespaço” (FIDALGO, 2008: 167).

Em, Portugal, a RTP foi o primeiro meio de comunicação social, com um domínio na internet, a 28 de maio de 1993 (GRANADO, 2002). Já em 1995, o Jornal de Notícias faz história, tornando-se no dia 26 de julho desse ano, o primeiro jornal a publicar notícias no ciberespaço (BASTOS, 2000: 173). Após este marco, seguiram-se outros jornais como o Público e o Diário de Notícias. A 12 de janeiro de 1996, o jornal da TVI passa a poder ser visto na internet. Passados quase três anos da primeira publicação de um jornal na rede (JN), a 5 de janeiro de 1998, surge então o primeiro jornal a funcionar totalmente numa lógica *online*, o Setúbal na Rede.

Tal como refere Joaquim Fidalgo, a internet é uma ferramenta preciosa de consulta devido às suas mais importantes características: a multimedialidade e a hipertextualidade. E acrescenta:

“O seu domínio e o aproveitamento das suas enormes potencialidades requerem e mobilizam, como se imagina, uma série de novas competências, não só no domínio mais especificamente técnico, mas também nos modos de conceber a edição e apresentação da informação” (FIDALGO, 2008: 168).

Outra característica enumerada pelo autor é a interactividade. Esta capacidade desenvolvida dentro do meio digital, é capaz de oferecer a troca de informações, comentários e críticas entre os públicos e o meio de comunicação e refere:

“(...) passou a ser olhado como uma das marcas mais características – e potencialmente mais estimulantes – desta nova fase dos meios de comunicação social (FIDALGO, 2008: 168).

Marcos Palacios apresenta, ao longo da história do jornalismo no meio digital, três fases distintas:

- 1) Modelo transpositivo, em que eram reproduzidas partes dos grandes jornais impressos no espaço da internet, atualizado a cada 24 horas.
- 2) A partir do aperfeiçoamento e do desenvolvimento da estrutura técnica da Internet, surge uma segunda fase – a da metáfora – em que os produtos começam a apresentar experiências na tentativa de explorar as características oferecidas pela rede. O correio eletrónico passa a ser utilizado como uma possibilidade de comunicação entre o jornalista e o leitor ou vice versa; e as notícias passam a explorar os recursos oferecidos pelo hipertexto.
- 3) O cenário começa a modificar-se com o surgimento de iniciativas tanto empresariais quanto editoriais, destinadas exclusivamente à Internet. Emerge o webjornalismo que permite a transmissão mais rápida de sons e imagens (PALACIOS, 2002: 3 e 4).

Como já foi referido anteriormente, hoje em dia, o ciberjornalismo apresenta-se num formato diferente do que estávamos habituados a ver, usam características únicas da internet distinguindo-se assim dos outros meios de comunicação. Assim o sendo, Hélder Bastos disserta sobre essa evolução em *Ciberjornalismo e Narrativa Hipermédia*:

“O ciberjornalista tem, conseqüentemente, de tomar decisões sobre qual o formato ou formatos de media que melhor se adaptam a uma determinada estória

(multimédia), de considerar opções que permitam ao público responder, interagir ou mesmo personalizar certas estórias (interatividade), e pensar nas maneiras de relacionar a estória com outras estórias, arquivos, e outros recursos através de hiperligações (hipertexto). Esta é a 'ideal-típica' forma de jornalismo online (...)" (BASTOS, 2010b: 1 e 2).

A chegada do *online* ao jornalismo e, posteriormente, a emergência do ciberjornalismo, foram dois momentos que marcaram a história recente do jornalismo.

2.3.1. Da pirâmide invertida à pirâmide deitada

Neste ponto refiro-me a uma das alterações realizadas à luz do autor João Canavilhas: da pirâmide invertida à pirâmide deitada.

A pirâmide invertida é referenciada como uma técnica importantíssima do jornalismo escrito, sendo que a construção da notícia responde pela ordem às questões:

1. O quê, quem, onde, como, quando e porquê
2. Informações que complementam o resto da notícia.

Esta forma e redacção das notícias permite ao público ter acesso a uma notícia com a importância distribuída por ordem decrescente como podemos ver na figura 1.

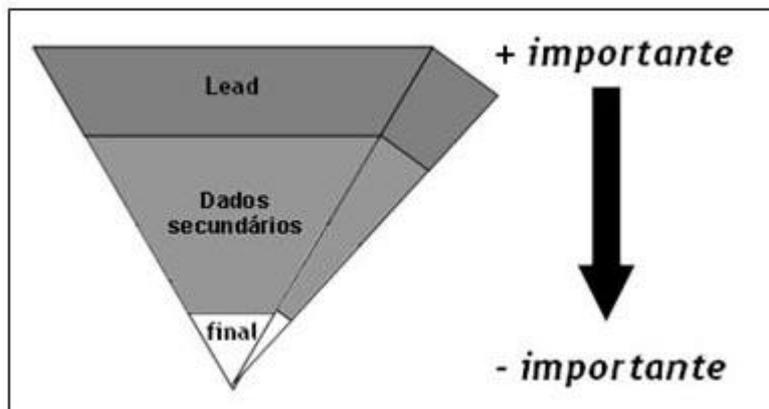


Fig. 1: Tradicional Pirâmide Invertida

Este modelo de redacção surgiu no contexto da Guerra da Secessão, nos Estados Unidos da América. Esta arquitetura noticiosa possibilitava aos jornalistas o envio diário das suas crónicas de guerra. Segundo Fontcuberta, o jornalista enviava o primeiro parágrafo do seu texto por telégrafo e numa segunda ronda enviava o segundo parágrafo (apud Canavilhas, 2006: 6).

Esta regra de funcionamento por fases de envio que dava igual oportunidade a todos de acederem ao telégrafo deu aso a que os jornalistas passassem a organizar o conteúdo noticioso começando pelo mais importante de forma a que fosse garantida a chegada de, pelo menos, o mais importante aos seus respectivos jornais (CANAVILHAS, 2006 : 6).

Esta pirâmide foi baptizada como Pirâmide Invertida por Edwin L. Shuman no seu livro *Practical Journalism*, segundo Ramón Salaverria (apud Canavilhas, 2006: 6), tornando-se numa das regras mais conhecidas no meio jornalístico.

No entanto, usar esta técnica no quadro do ciberjornalismo seria desperdiçar as suas grandes potencialidades. Foi então que surgiu a pirâmide deitada, identificada por Canavilhas:

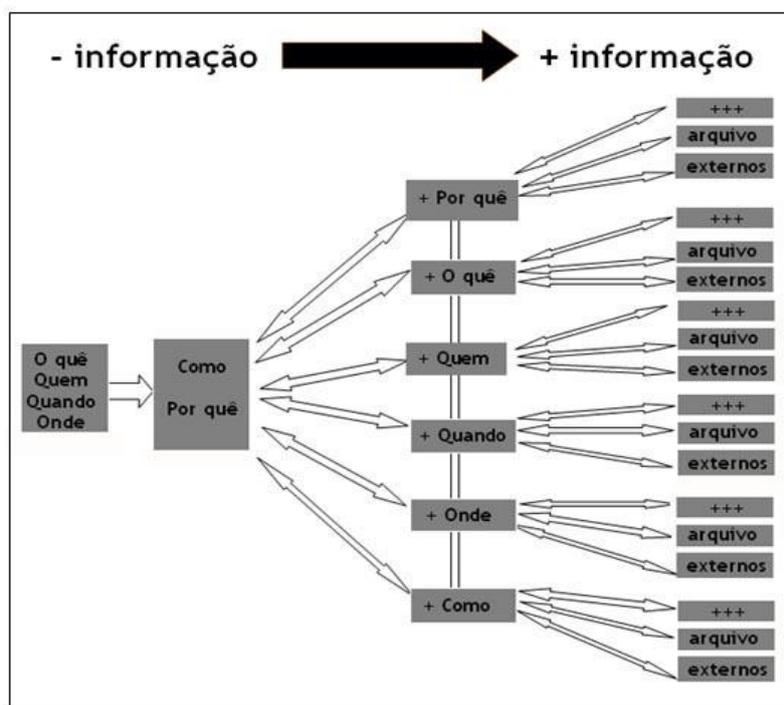


Fig. 2 – Pirâmide Deitada de Canavilhas, 2006

Como refere o autor:

“Em lugar de uma notícia fechada entre as quatro margens de uma página, o jornalista pode oferecer novos horizontes imediatos de leitura através de ligações entre pequenos textos e outros elementos multimédia organizados em camadas de informação” (CANAVILHAS, 2006: 7).

Desta forma, percebemos que a pirâmide deitada provém da hipertextualidade, dando capacidade ao público de decidir o percurso dentro da informação. Com este modelo o autor especifica ainda que:

“A Unidade Base – o lead – responderá ao essencial: O quê, Quando, Quem e Onde. Este texto inicial pode ser uma notícia de última hora que, dependendo dos desenvolvimentos, pode evoluir ou não para um formato mais elaborado. O Nível de Explicação responde ao Por Quê e ao Como, completando a informação essencial sobre o acontecimento. No Nível de Contextualização é oferecida mais informação – em

formato textual, vídeo, som ou infografia animada – sobre cada um dos W's. O Nível de Exploração, o último, liga a notícia ao arquivo da publicação ou a arquivos externos” (CANAVILHAS, 2006: 15).¹⁵

Mais tarde ou mais cedo, os meios de comunicação perceberam que ter um lugar na internet representava uma força suplementar em termos de inovação e concorrência. Esta facilidade de ligação a qualquer hora a um *site* noticioso com características específicas tornou-se uma nova possibilidade de acesso à informação, tanto para os profissionais do jornalismo como para o público em geral.

2.3.2. Jornalismo televisivo versus ciberjornalismo

Como já podemos verificar ao longo deste relatório a internet e o surgimento do ciberjornalismo trouxeram mudanças inevitáveis ao jornalismo televisivo. Ao longo do meu estágio o uso da internet como fonte e como pesquisa de conhecimentos de contextualização foram uma realidade permanente, incluindo, desde logo, a utilização de outros *sites* informativos para além dos recursos disponíveis dentro da redacção, a TVI Online.

Por todas as razões e características já apontadas noutros pontos, quando comparamos ciberjornalismo com jornalismo televisivo podemos verificar que as diferenças são delineadas principalmente pela plataforma em que se inserem enquanto informação. Por um lado o ciberjornalismo tem a capacidade de, a partir de um espaço, aceder a outros espaços interligados, dando ao público a possibilidade de traçar o seu próprio caminho e obter a informação que mais lhe interessa. Já no jornalismo televisivo, a informação está formatada a ser transmitida a partir de um ecrã, que mostrará o que foi previamente reportado, no entanto beneficia do facto de ainda haver uma marcada tradição de ver televisão sentado no sofá.

¹⁵ Encontra-se no Anexo 2 – Figura da pirâmide deitada segundo o autor João Canavilhas com os quatro níveis de leitura.

Uma vez referidas as características mais notáveis destes dois formatos, penso ser importante reflectir agora sobre a questão seguinte:

99,7% das casas, em Portugal, têm o televisor, tornando-se assim no principal meio de comunicação na vida dos portugueses. Haverá em Portugal 6,5 milhões de televisores em casas habitadas, sem contar com associações, hospitais, cafés, etc. Os dois picos de audiência coincidem com as refeições, sendo que os noticiários são os programas com mais audiência, entre outros motivos pelo facto de serem emitidos em horários nobres de grande audiência (TORRES, 2011: 67). Como podemos evidenciar, há factores que explicam as audiências. Neste caso em concreto. Como referi a partir da apresentação do autor Eduardo Cintra Torres sobre os dados apresentados pela ANACOM¹⁶ acerca do consumo de todas as telecomunicações referentes a 2009, que coincidem com o horário das refeições, podemos remeter para muitas questões.

Na minha opinião, se o pico de audiências remete para o momento em que as pessoas estão livres ou a realizar uma parte indispensável das suas vidas, a refeição, então isso também significa que enquanto meio de comunicação, a televisão e o noticiário televisivo fazem parte de uma sociedade que em casa se reúne à mesa com as famílias portuguesas, bem como apenas se liga à televisão por uma questão de ocupação do tempo livre.

Em Portugal, segundo o “Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias 2002-2012” disponibilizado pela OberCom, a internet estava em 2009¹⁷ em 47,9% dos agregados familiares. Tendo já subido, em 2012, para 61%. É preciso refletir sobre a questão: em muito menos espaço de tempo, a internet difundiu-se um pouco por todo o lado, dando ainda a possibilidade de acesso fora do meio doméstico.

De acordo com as informações recolhidas do estudo feito pela OberCom em questões feitas aos jornalistas de televisão, imprensa e rádio, as páginas de internet de

¹⁶ ANACOM – Autoridade Nacional de Comunicações

¹⁷ Foram utilizados os dados de 2009 apenas por uma questão de comparação com o que refere o autor Eduardo Cintra Torres.

órgãos de comunicação social e os telemóveis serão as duas formas de acesso mais comuns às notícias em Portugal, num espaço de 5 anos (82,9% e 58,6%, respectivamente).

A estes dados acrescento ainda os autores Gustavo Cardoso e Rita Espanha que referem ainda em *Comunicação e Jornalismo na Era da Informação* que:

“Um número significativo de investigadores em todo o mundo tem vindo a observar empiricamente que as audiências de televisão a partilhar o seu tempo cada vez mais entre o visionamento televisivo e a utilização da internet. (...) As estações emissoras de TV estão preocupadas com a evolução deste fenómeno (...) (CARDOSO e ESPANHA, 2006: 20).

2.3.3. Inimigo ou aliado do jornalismo televisivo

Devido à minha pesquisa acerca do ciberjornalismo e do jornalismo televisivo cheguei à conclusão de que existe de facto uma rivalidade entre estas duas formas de comunicar, desde logo por causa da questão das audiências. No entanto e como podemos verificar ao longo dos pontos tratados neste relatório, o ciberjornalismo é uma forma de o jornalismo televisivo ter acesso à informação já em forma de notícia ou também como fonte de informação.

Quando colocada a questão, se o ciberjornalismo é um inimigo ou um aliado da informação televisiva, a minha opinião remete para uma resposta vista a partir de dois ângulos:

- O ciberjornalismo enquanto concorrente às audiências e enquanto meio capaz de no meio digital elevar a interatividade, a multimedialidade e a hipertextualidade, sim, torna-se rival de outros meios de comunicação como,

por exemplo, a tvi24.pt para a RTP. Aí entendo a rivalidade que se traduz numa certa inimizade entre os meios.

- Enquanto oferta tecnológica que permite ao jornalista uma maior acessibilidade de informação e, por sua vez, oportunidade de recriar a televisão nesse mesmo espaço, então não. Penso que a televisão também cresceu com o ciberjornalismo. Dentro da redacção da TVI, na secção de *online* há profissionais destacados apenas para fazer ciberjornalismo, facto que tornou a estação mais rica em termos de competitividade e inovação, dando à estação televisiva de Queluz de Baixo uma força maior, também em termos de informação a tratar em televisão. Ou seja, dentro da mesma redacção, duas plataformas diferentes mas aliadas de transmissão de informação.

No estudo “Desafios do Jornalismo 2010” feito pela OberCom, os jornalistas de televisão responderam como “Na sua opinião, deve ser o *layout* físico das redacções perante o surgimento do jornalismo *online* (por meio profissional)?”: 70,8% disseram que deveria ser com redacções integradas (equipa conjunta no mesmo espaço). Estes números traduzem que os profissionais de informação televisiva têm a consciência de, como disse anteriormente, o jornalismo televisivo e o ciberjornalismo juntos a trabalharem para a mesma empresa são uma força maior.

2.4. Síntese

Numa primeira fase desta segunda parte do relatório procurou-se compreender as potencialidades do jornalismo televisivo, a reportagem e o que é noticiável de forma a que se perceba os valores-notícia. E ainda perceber de que forma a internet entrou nas redacções e na vida dos jornalistas.

Ainda ao longo desta segunda parte do trabalho foi possível encontrar o desenvolvimento do grande tema Jornalismo Televisivo em Tempos de Crise em termos de assumir determinadas fragilidades do jornalismo.

As audiências, a qualidade e o interesse público são fatores presentes numa redação de informação. Ainda que, muitas vezes, os editores lutem para manter estes três aspetos, nem sempre a balança aponta para o equilíbrio porque o peso das audiências é financeiramente mais valioso. Vigora a lei da concorrência que substitui a visão do telespetador como cidadão pela do telespetador enquanto consumidor (TRAQUINA, 1997: 17).

Os profissionais sentem a pressão das audiências que, por natureza, deve ser uma preocupação, não um peso para os profissionais. No mundo da concorrência é natural que um meio de comunicação queira ser o melhor. Mas ser melhor não significa vender mais do que os outros, ser melhor significa oferecer informação noticiosa de qualidade e interesse público.

O sensacionalismo é então aqui tratado como a consequência da causa “audiências” que, mais ou menos presente, vai denegrindo a imagem de informação televisiva e a credibilidade de um meio de comunicação.

Impulsionado pela minha “estadia” na secção *online* da TVI, o ponto referente à emergência do ciberjornalismo permite explicar o seu aparecimento e concorrência com os outros meios de comunicação.

Em suma, este é um capítulo que pretende mostrar determinados assuntos que direta ou indiretamente surgiram ao longo do meu estágio nas secções de sociedade e de *online* e que me fizeram refletir e dissertar posteriormente sobre essas mesmas questões em específico.

Conclusão

Quando o meu estágio chegou ao fim e ao realizar este relatório percebi que muitas foram as mudanças e experiências aproveitadas por mim, enquanto aspirante ao jornalismo. Nesta última fase terei oportunidade de fazer um balanço sobre todos os aspetos tratados neste relatório e uma conclusão sobre esta etapa bastante significativa que marcou a minha vida académica, profissional e pessoal.

O estágio de quase quatro meses na secção de sociedade na TVI foi uma experiência muito enriquecedora em termos de primeira experiência de trabalho numa redação de informação. As constantes aprendizagens dentro da redação e a aplicação do saber jornalístico adquirido ao longo do meu percurso académico foram uma realização pessoal bastante importante. Numa exposição mais negativa do sentimento: atravessando uma fase do país em que as oportunidades de trabalho são tão escassas para os alunos de jornalismo, este estágio foi como uma viagem a um lugar, sabendo à partida, ao qual jamais voltaria. Assim sendo, posso garantir que todo o meu “eu” esteve em tudo o que fiz, dando o melhor de mim em cada peça pedida, em cada *off*, em cada legenda, em cada circunstância de trabalho.

Numa primeira fase de integração, o medo de falhar, o medo de não ter capacidades para o que pudesse aparecer foram sentidos de forma muito intensa. Já fora da redação, questionava-me sobre as minhas capacidades e sobre o meu talento dentro do vasto mundo da informação. No entanto, pouco tardou até que me apercebesse que essa insegurança era uma questão de falta de hábito e agilidade a desempenhar funções práticas. Logo, após ter saído com os jornalistas da redação em reportagem sobre variadas situações e de ter utilizado as ferramentas da redação para desempenhar as funções de jornalista, a destreza foi-se adquirindo naturalmente a partir de então.

No funcionamento da redação e nas funções de estagiária houve algumas características que penso poderem ser melhoradas pela entidade acolhedora. Alguns desses aspectos foram alvo de alguma exposição e análise neste relatório. Assim,

apontei questões ligadas com: o pedido por parte das editoras de propostas de trabalho que depois raramente eram aceites ou, simplesmente, ficavam esquecidas em cima da mesa; o facto de num determinado momento do estágio sermos muitos estagiários na mesma secção (sociedade) e assim haver pouco trabalho para todos; o imediatismo que, ainda que normal dentro de uma redacção, é preciso levar em consideração se o estagiário se sente capaz de responder a essas solicitações; e, por fim, a falta de elucidação prévia do estagiário, nos casos em que se sabe que o trabalho que vai fazer não é para ele tratar quando chegar à redacção.

Como já havia referido, os momentos mais gratificantes para mim enquanto estagiária passaram-se durante as saídas em reportagem e todo o trabalho envolto na elaboração das peças. É por essa razão que apresento as reportagens que mais me marcaram pela positiva e pela negativa ao longo deste trabalho, fazendo uma breve descrição do seu conteúdo e por fim uma pequena reflexão tirada de cada experiência. Dentro deste capítulo, refleti sobre as inibições do trabalho do jornalista estagiário, tanto na questão de assinar ou não as peças, bem como sobre o facto de o estagiário não poder entrar na Assembleia da República, dado que vivenciei estas duas questões enquanto estagiária da redacção.

Este estágio deu-me a oportunidade de conhecer de perto a estação televisiva TVI, os seus programas de informação e o exercício da profissão como jornalista. Foram quatro meses de observações e reflexões sobre: Jornalismo Televisivo em Tempos de Crise - mais concretamente as suas fragilidades.

Tive a possibilidade de perceber a questão do sensacionalismo, em grande medida justificado pela pressão das audiências dentro da redacção. Esta situação ainda hoje me faz questionar sobre o jornalismo exercido dentro de uma redacção, tendo em conta que o critério das audiências predomina no sistema de trabalho dos editores, no alinhamento do telejornal, e a hierarquia exerce pressão para que os jornalistas sigam determinadas opções de trabalho, tendo como pano de fundo alimentar as audiências. Quando cheguei a esta reflexão outras questões se levantaram e permanecem: será o jornalista uma marioneta das audiências? Onde fica a independência e autonomia

jornalística que por direito lhes pertence? No Estatuto do Jornalista existe o Artigo nº 12 - Independência dos jornalistas e cláusula de consciência que refere num dos seus pontos:

“Os jornalistas não podem ser constrangidos a exprimir ou subscrever opiniões nem a desempenhar tarefas profissionais contrárias à sua consciência, nem podem ser alvo de medida disciplinar em virtude de tal recusa.”

No entanto, apesar de escrito e com o maior respeito por mim, na realidade as coisas não funcionam bem assim. O jornalista mostra, no máximo, a sua insatisfação ao editor e fica-se por ali. Num mercado de trabalho tão lotado e sem alternativas, os jornalistas sabem que “bater de frente” com questões ligadas ao interesse comercial e económico de uma televisão não irá mudar a linha de pensamento dessa mesma empresa.

Durante o tempo que estive na secção de *online*, ainda que por um período mais curto, a possibilidade de aprender sobre o exercício do ciberjornalismo foi uma experiência enriquecedora em termos de conhecimento e prática, permitindo-me abordar neste Relatório a emergência do ciberjornalismo.

A possibilidade de estagiar deu-me um conhecimento da realidade que antes nunca conhecera, respondeu a várias questões e levantou outras. Foram quatro meses de experiência e aprendizagem; foram quatro meses de descoberta que me deram a possibilidade de me formar melhor e de aprender a trabalhar para uma redação de informação televisiva.

Bibliografia

- ANDRINGA, Diana (2008), *Jornalismo: uma profissão em mudança*, Mundos Sociais: Saberes e Práticas. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- BASTOS, Hélder (2000), *Jornalismo Electrónico: Internet e reconfiguração de práticas nas redacções*, Coimbra: Minerva.
- BASTOS, Hélder (2010a), *Origens e Evolução do Ciberjornalismo em Portugal*, Edições Afrontamento.
- CÁDIMA, Francisco Rui (1995), *O Fenómeno Televisivo*, Lisboa: Círculo de Leitores.
- CÁDIMA, Francisco Rui (1996), *História e Crítica da Comunicação*, Lisboa: Século XXI.
- CÁDIMA, Francisco Rui (2006), *A Televisão 'Light' Rumo ao Digital*, Lisboa: Rés XXI/Formalpress.
- CAMPONEZ, Carlos (2011), *Deontologia do Jornalismo: A autorregulação frustrada dos jornalistas portugueses (1974-2007)*, Coimbra: Edições Almedina, S.A.
- CARDOSO, Gustavo e ESPANHA, Rita (2006), *Comunicação e Jornalismo na Era da Comunicação*, Porto: Campo das Letras.
- CORREIA, Fernando (2000), *Jornalismo e Sociedade*. Lisboa: "Avante!", Colecção Problemas do Mundo Contemporâneo.
- CORREIA, Fernando, (2006) *Jornalismo, Grupos Económicos e Democracia*, Editorial Caminho.

- DEBORD, Guy (1967), *A Sociedade do Espetáculo*, Rio de Janeiro: Contraponto.
- FIDALGO, António (2003), *Jornalismo Online. Informação e comunicação online*, Vol.I. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- FIDALGO, Joaquim (2008), *O Jornalista em Construção*, Colecção Comunicação, Porto: Porto Editora.
- FIDALGO, Joaquim (2009), *O lugar da Ética e da Auto-regulação na Identidade Profissional dos Jornalistas*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- GANZ, Pierre (1995), *A Reportagem em Rádio e Televisão*, 1ª ed., Lisboa, Editorial Inquérito.
- GRADIM, Anabela (2000), *Manual de Jornalismo*, Covilhã: Estudos em Comunicação, Universidade da Beira Interior.
- JESPERS, Jean-Jacques (1998), *Jornalismo Televisivo: Princípios e métodos*, Coimbra: Minerva.
- LOPES, Felisbela (2008), *A TV do Real: A televisão e o espaço público*, Coimbra: Minerva.
- LÓPEZ, Gabriel Galdón (2001), *Desinformação e Limites da Informação*, Lisboa: Folhas e Letras-Editores, Lda.
- MANDLER, Jerry (1999), *Quatro Argumentos para Acabar com a Televisão*, Lisboa: Edições Antígona.
- RODRIGUES, Adriano Duarte (1990), *Estratégias da Comunicação: Questão comunicacional e formas de sociabilidade*, Lisboa: Editorial Presença.
- TORRES, Eduardo (2011), *A Televisão e o Serviço Público*, Lisboa: FFMS.

- TRAQUINA, Nelson (1997), *Big Show Media: Viagem pelo mundo do audiovisual português*, Lisboa: Editorial Notícias.
- TRAQUINA, Nelson (2000), *O Poder do Jornalismo*, Coimbra: Minerva.
- TRAQUINA, Nelson (2004), *A Tribo Jornalística: Uma comunidade transaccional*, Lisboa: Notícias Editorial.
- VIEIRA, Joaquim (2007), *Jornalismo Contemporâneo – Os media entre a era Gutenberg e o paradigma digital*, Lisboa: Edeline.
- ZAMITH, Fernando (2008), *Ciberjornalismo. As potencialidades da internet nos sites noticiosos portugueses*, Porto: CETAC: Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da Comunicação, Edições Afrontamento.
- ZAMITH, Fernando (2011), *A Contextualização no Ciberjornalismo*, Tese de doutoramento, Porto: Universidade do Porto, Aveiro: Universidade de Aveiro.

Bibliografia Online

- AROSO, Inês (2003), *A Internet e o Novo Papel do Jornalismo*, Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/aroso-ines-internet-jornalista.pdf>> (consultado em 5/07/2013).
- BARBOSA, E. (2002), *Jornalistas e Público. Novas funções no Ambiente Online*, Laboratório de Comunicação Online. Disponível em <www.labcom.ubi.pt/agoranet/02/barbosa-elisabete-jornalistas-publico.pdf> (consultado em 5/07/2013).
- BARBOSA, Marialva e ENNE, Ana Lucia (2006), “O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo do sensacional”, Santiago de Compostela, Espanha: Artigo apresentado na LUSOCOM. Disponível em: <<http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs2.2.2/index.php?journal=revista&page=article&op=view&path%5B%5D=163&path%5B%5D=150>> (consultado em 20/08/2013).
- BASTOS, Hélder (2010b), *Ciberjornalismo e Narrativa Hipermédia*, Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bastos-helder-ciberjornalismo-e-narrativa-hipermedia.pdf>> (consultado em 6/06/2013).
- BASTOS, Hélder (2010c), *Ciberjornalismo: dos primórdios ao impasse*, Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/bastos-helder-ciberjornalismo-dos-primordios-ao-impasse.pdf> (consultado em 21/06/2013).
- CANAVILHAS, João (2001), *Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação.

Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>>
(consultado em 5/05/2013).

- CANAVILHAS, João (2004), *Os Jornalistas Portugueses e a Internet*, Biblioteca *Online* de Ciências da Comunicação. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalistas-portugueses-internet.pdf> (consultado em 20/06/2013).
- CANAVILHAS, João (2006), *Webjornalismo: da Pirâmide Invertida à Pirâmide Deitada*, Biblioteca *Online* de Ciências da Comunicação. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf> (consultado em 10/06/2013).
- CÓDIGO DEONTOLÓGICO DO JORNALISTA (1993), Biblioteca *Online* de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/Codigo-Deontologico.pdf>> (consultado em 8/06/2013).
- CORREIA, Fernando (2003), *O Jornalismo em Portugal*. Disponível em: <http://resistir.info/portugal/fcorreia_jornalismo.html> (consultado em 15/05/2013).
- ENTIDADE REGULADORA PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL (2007), *Lei da Televisão*. Disponível em: - <http://www.erc.pt/documentos/Lei_Televisao_2007.pdf> (consultado em 8/06/2013).
- GRANADO, A. (2002), *Os Media Portugueses na Internet*. Disponível em: <<http://ciberjornalismo.com/mediaportugueses.htm>> (consultado em 10/06/2013).
- MACHADO, Elias (2002), *O Ciberespaço como Fonte para os Jornalistas*, Biblioteca *Online* de Ciências da Comunicação. Disponível em:

<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/machado-elias-ciberespaco-jornalistas.pdf>>
(consultado em 6/05/2013).

- OBERCOM (2010), *Desafios do Jornalismo*. Disponível em: <http://www.obercom.pt/client/?newsId=428&fileName=desafios_do_jornalismo.pdf> (consultado em 26/06/2013).
- OBERCOM (2012), *Tecnologias de Informação e Comunicação*. Disponível em: <http://www.obercom.pt/client/?newsId=16&fileName=tic_11_12.pdf> (consultado em 26/06/2013).
- PALÁCIOS, M., MIELNICZUK, L., BARBOSA, S., RIBAS, B., B. & NARITA, S. (2002), *Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro e português*, Comunicarte, Revista de Comunicação e Arte, vol.1, nº2, Aveiro: Universidade de Aveiro. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_mapeamentojol.pdf > (consultado em 7/05/2013).
- PÉREZ, Arturo Merayo (1997), *La Nueva Sociedad de la Información: tendencias, riesgos y soluciones*. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/merayo-arturo-sociedad-informacion.pdf>> (consultado em 7/05/2013).
- PUCCININ, Fabiana (2003), *Jornalismo online e prática profissional*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/puccinin-fabiana-jornalismo-online-pratica-profissional.pdf>> (consultado em 6/05/2013).
- SINDICATO DOS JORNALISTAS, *Estatuto do Jornalista*. Disponível em: <<http://www.jornalistas.eu/?n=26>> (consultado em 20/06/2013).
- TOMÉ, João (2003), *Estagiários de Jornalismo: Uma questão de sorte?* Disponível em:

<http://estagiariosjornalismo.blogspot.pt/2003_11_01_estagiariosjornalismo_archive.html> (consultado em 2/09/2013).

Anexos

Anexo 1 – Títulos das notícias realizadas na secção de *online* – com hiperligação localizadora no *site* da tvi24.pt.

Acredite se Quiser:

- Menina apanhada a roubar os presentes do vizinho: <<http://www.tvi24.iol.pt/503/acredite-se-quiser/ladra-assalto-roubo-florida-tvi24-insolito/1403899-4088.html>>
- O pai Natal chegou às sardinhas: <http://www.tvi24.iol.pt/acredite-se-quiser/pai-natal-seul-mergulhadores-cardume-tvi24-ultimas-noticias/14009364088.html?fb_action_ids=519816051386299&fb_action_types=og.likes&fb_source=aggregation&fb_aggregation_id=288381481237582>
- Homem pré histórico já fazia queijo: <http://www.tvi24.iol.pt/acredite-se-quiser/queijo-pre-historia-era-neolitica-leite-ultimas-noticias-tvi24/1401498-4088.html?fb_action_ids=519942841373620&fb_action_types=og.likes&fb_source=aggregation&fb_aggregation_id=288381481237582>
- «Barbie humana» tem uma sósia: <http://www.tvi24.iol.pt/acredite-se-quiser/barbie-barbie-humana-dominica-valeria-lukyanova-ultimas-noticias-tvi24/1401807-4088.html?fb_action_ids=520276194673618&fb_action_types=og.likes&fb_source=aggregation&fb_aggregation_id=288381481237582>
- Uma «lap dance» em troca de presentes: <<http://www.tvi24.iol.pt/acredite-se-quiser/brinquedo-tvi24-criancas-cabaret-teatro-natal/1401839->

[4088.html?fb_action_ids=520376831330221&fb_action_types=og.likes&fb_source=aggregation&fb_aggregation_id=288381481237582](http://www.tvi24.iol.pt/acredite-se-quiser/ponei-tvi24-comboio-passageiro-insolito-acredite/1402538-4088.html?fb_action_ids=520376831330221&fb_action_types=og.likes&fb_source=aggregation&fb_aggregation_id=288381481237582)>

- Pónei viaja em comboio: <<http://www.tvi24.iol.pt/acredite-se-quiser/ponei-tvi24-comboio-passageiro-insolito-acredite/1402538-4088.html>>
- Esqueça o bacalhau: McDonalds aberto no Natal: <http://www.tvi24.iol.pt/acredite-se-quiser/hamburguer-natal-acredite-tvi24/1403198-4088.html?fb_action_ids=523041214397116&fb_action_types=og.likes&fb_source=aggregation&fb_aggregation_id=288381481237582>
- «Fim do mundo» vivido numa nave espacial: <http://www.tvi24.iol.pt/acredite-se-quiser/brasil-fim-do-mundo-calendario-maia-nave-tvi24/1403884-4088.html?fb_action_ids=523657451002159&fb_action_types=og.likes&fb_source=aggregation&fb_aggregation_id=288381481237582>
- Universitários criam clube sadomasoquista: <<http://www.tvi24.iol.pt/acredite-se-quiser/sadomasoquismo-harvard-tvi24-ultimas-noticias-universidade-masoquismo/1402580-4088.html>>
- Pai Natal «manda-se» aos tubarões: <http://www.tvi24.iol.pt/acredite-se-quiser/tubaroes-mergulhador-tailandia-aquario-pai-natal-tvi24/1403010-4088.html?fb_action_ids=522529184448319&fb_action_types=og.likes&fb_source=aggregation&fb_aggregation_id=288381481237582>

Internacional:

- Uruguai aprova casamento entre homossexuais: <<http://www.tvi24.iol.pt/internacional/casamento-homossexual-uruguai-casamento-gay-internacional-tvi24/1401129->

[4073.html?fb_action_ids=519815054719732&fb_action_types=og.likes&fb_source=aggregation&fb_aggregation_id=288381481237582](http://www.tvi24.iol.pt/internacional/obama-eua-russia-vladimir-politica-internacional-tvi24/1402902-4073.html?fb_action_ids=519815054719732&fb_action_types=og.likes&fb_source=aggregation&fb_aggregation_id=288381481237582)>

- Conselheiro de Putin anuncia visita de Obama à Rússia:
<<http://www.tvi24.iol.pt/internacional/obama-eua-russia-vladimir-politica-internacional-tvi24/1402902-4073.html>>
- Rainha Isabel II participa em conselho de ministros:
<<http://www.tvi24.iol.pt/internacional/rainha-isabel-ii-inglaterra-conselho-de-ministros-tvi24-monarca/1402985-4073.html>>
- Miss Estados Unidos eleita Miss Universo:
<http://www.tvi24.iol.pt/internacional/miss-universo-miss-eua-olivia-culpo-las-vegas-beleza-tvi24/1403567-4073.html?fb_action_ids=523087824392455&fb_action_types=og.likes&fb_source=aggregation&fb_aggregation_id=288381481237582>
- Mãe em tribunal porque não quer que filho receba radioterapia:
<http://www.tvi24.iol.pt/internacional/radioterapia-tumor-tribunal-impedir-tratamentos-tvi24/1403933-4073.html?fb_action_ids=523656754335562&fb_action_types=og.likes&fb_source=aggregation&fb_aggregation_id=288381481237582>
- Vulcão Tungurahua põe Equador em estado de alerta:
<<http://www.tvi24.iol.pt/internacional/vulcao-equador-tungurahua-erupcao-tvi24-ultimas-noticias/1402565-4073.html>>
- Pai Natal do Harrods obrigado a ter as mãos à mostra:
<http://www.tvi24.iol.pt/internacional/natal-pai-natal-pedofilia-jimmy-savile-harrods-tvi24/1403217-4073.html?fb_action_ids=523040547730516&fb_action_types=og.likes&fb_source=aggregation&fb_aggregation_id=288381481237582>

Sociedade:

- Reforço alimentar está preparado para dois anos:
<http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/alimentacao-escolas-joao-casanova-de-almeida-carencia-alimentar-programa-tvi24/1401152-4071.html?fb_action_ids=519815834719654&fb_action_types=og.likes&fb_source=aggregation&fb_aggregation_id=288381481237582>
- INE: há 4,1 médicos por cada mil habitantes:
<http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/mortalidade-infantil-medicos-ine/1403718-4071.html?fb_action_ids=523531221014782&fb_action_types=og.likes&fb_source=aggregation&fb_aggregation_id=288381481237582>
- Viviam com água de poços, agora veio o «euromilhões»:
<http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/agua-canalizada-figueira-da-foz-moinhos-da-figueira-tvi24/1403711-4071.html?fb_action_ids=523532001014704&fb_action_types=og.likes&fb_source=aggregation&fb_aggregation_id=288381481237582>
- «Pai Natal» da Via do Infante vai de bicicleta a casa de Cavaco:
<<http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/pai-natal-en125-a22-cavaco-silva-marcha-tvi24/1402892-4071.html>>
- PSP apanha assaltante escondido atrás da porta de casa:
<<http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/flagrante-delito-assalto-ladrao-tvi24/1403715-4071.html>>

Anexo 2 – Figura da pirâmide deitada segundo o autor João Canavilhas com os quatro níveis de leitura.

